

Supermercados aos domingos. Isso é bom? Isso é ruim?

ARQUIVAR

Para a maioria dos vereadores, a medida atende à população. No entanto, os maiores beneficiados são os hipermercados, que inclusive utilizam o trabalho ilegal de menores aos domingos. Páginas 8 e 9.



DESCARTÁVEIS, BIÔNICOS, PICARETAS,
SÉRGIO RONDINO FALA DOS NOVOS SENADORES.

(Página 3)

GILBERTO GIL FALA DE
“REFAVELA” PARA O J2^a. COM EXCLUSIVIDADE.

(Página 16)



EM FRENTE, MARCHE!

Em meados de 1974, portanto há quase três anos, "The Financial Times" de Londres publicou um comentário em que analisava as contradições do desenvolvimento brasileiro. O artigo, intitulado "Quanto está custando o milagre brasileiro?" apontava uma série de contradições da política econômica inaugurada por Delfim Neto, previa o alto preço que os brasileiros pagariam por ela nos anos seguintes e alertava sobre o então emergente problema que todos nós ficamos conhecendo como a "crise internacional do petróleo", justificativa que o governo Geisel tem encontrado para todas as medidas de arrocho na economia popular.

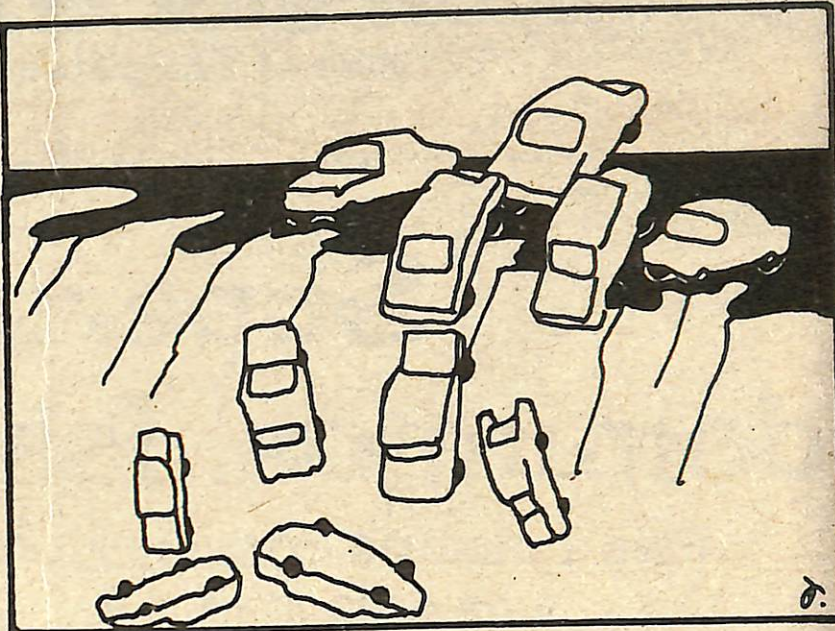
"The Financial Times" anunciou, então, que o presidente Geisel teria diante de

si um grande dilema: como reduzir a importação de petróleo sem ferir os interesses das poderosas multinacionais que fabricam automóveis no Brasil? Isso porque, na opinião do jornal inglês, apenas um corte violento na produção de veículos movidos a gasolina poderia representar, efetivamente, uma significativa economia de divisas gastas com a importação desse combustível. Mas previa, também, que o governo seria impotente diante dessas multinacionais já que, frente a uma ameaça oficial, elas mostrariam suas garras anunciando a demissão em massa dos seus operários: cerca de 250 mil, segundo o jornal.

Esse comentário foi feito em Londres, em 1974. A imprensa brasileira, a essa época,

estava sob censura prévia — daí talvez a pouca divulgação dada ao ponto-de-vista dos analistas do "Financial Times". Ao mesmo tempo, cá entre nós, a propaganda oficial continuava cantando que, "malgré tout", o país estava indo pra frente.

Passados três anos, começam agora os desempregos na indústria automobilística. Semana passada a Ford do Brasil demitiu 500 operários e, segundo a própria diretoria da multinacional, as críticas por essa demissão são injustas, de vez que o desemprego nessa área "já vinha se processando com certa regularidade em outras empresas". Entrevistado um pouco antes de mais um embarque para o exterior, o ministro Calmon de Sá, da Indústria e Comércio, declarou que "isso já es-



tava previsto". Mas que não há motivo para se falar em crise de emprego, pois "essa mão de obra será absorvida por outras áreas"

Isso nos faz acreditar que o país continua indo pra frente. Até quando, ninguém sabe. Esperamos que não seja até 1984. Equipe J 2a.

PAPO FURADO

"IMPULSO"

Trasmudada de seu significado vernacular, uma palavra sinistra invade os lares desta cidade — "Impulso".

Foi o eufemismo que a Telesp arranhou para pegar pelo pé os assinantes do telefone.

A plethora dos adicionais que asorberbam as contas mensais encontra-se surpreendentemente enriquecida com o neologismo que vem escriturado nos recibos da empresa, a partir de 7/2 p. passado.

Através do apelidado "Impulso" os usuários do telefone estão tendo os seus gastos aumentados em 100, 200 ou não se sabe quantos por cento mais, na mensalidade do telefone.

Ociosos é dizer que, sem tussir nem mugir, todos teremos que aguentar com a sobrecarga do tal "impulso".

Não há choro para quem apelar, e, como já diz o aforismo, onde não há o próprio rei o perde.

Conformemo-nos, pois, com mais esse forceps inflacionário que provavelmente não se inclui nas estatísticas do Ministério da Fazenda, tampouco do Planejamento, etc, etc.

A ordem é pagar sem bufar e dar graças ao céu se a coisa para por aí, já que pelo que tudo indica, não vai parar.

Os novos avisos telefônicos nos brindam com mais o tal de "impulso", além de um novo aumento de tarifas nascido a 26.1.77.

Não há de ser nada, como costumam dizer aqueles que não vendo cura para o mal conformam-se melancolicamente. Como já disse aquele galã da novela, aguentar a Telesp não é moleza, mas vamos ter que aguentá-la.

"Impulso" é mais um contrapeso no pacote da inflação. É a muchiba com que o magarefe completa o quilo de noventa gramas.

O que nos consola é a excelência do serviço. Essa sim, compensa o desgaste do nosso orçamento e suaviza o nosso choro.

Pelo menos dez dias de cada mês podemos falar com nossos conterrâneos à boca do fone. Aliás, não há necessidade de mais. É tempo demais para o papo, para que digamos tudo o que nos aprouver, deixando os outros vinte para que a Telesp ande, como tatus, pelos buracos que abriu na rua, ou como macacos pendurada nos postes da iluminação pública.

Claro que a sofrida Telesp não tinha condições materiais para dar ao povo conhecimento prévio do seu "impulso". Não é culpa dela. Lógico que não é. Está na cara. Consideração não lhe falta. Tem até de sobra. Tanto isso é verdade que no seu balcão, duas senhorinhas, como se fossem papagaios ensinados, (com outra educação, é claro), repetem o dia inteiro o mesmo estribilho: "seu número foi anotado e vai ser levado à seção de consertos" — refinee que por certo nos faz bastante distinguidos e desvanecidos.

Se o "impulso" pegou o pessoal de surpresa, não foi por querer. Um impulso, qualquer que seja, sempre provoca um impacto abrupto.

Um avisozinho pelos jornais, ou muito praticamente estampados nas próprias contas do mês anterior bem que poderia ter livrado os pagantes da amarga surpresa do "impulso". Isso teria. Mas, iria dar muito trabalho. E o que é pior: se cutucados, os incautos se precaveriam e daí, como é bem de ver ... adeus faturamento.

Voltando àqueles incontáveis postes que sustentam pendurados pelo tempo afora os "técnicos" da Telesp, conta-se pela rua, à boca pequena, uma piada gozada: Dois tabaréus, ao depararem com o quadro, isto é, com a gente trepada em todos os postes, entreolharam-se quando um deles diz ao companheiro: "Ué! Não sabia que aqui em Jundiaí, prá falar ao telefone a gente tinha que subir em escada".

PS — Como a Telesp era boa ao tempo do Juranda ... V/2.

ASSUNTOS MUNICIPAIS

A SABESP E O DAE

Contra os interesses matreiros da administração Ibis Cruz, tivemos ocasião de defender, por estas colunas, a permanência dos serviços de água e esgoto sob a tutela do Departamento de Água e Esgoto de Jundiaí.

Não que o DAE seja um modelo de autarquia no comando daquele importante setor da atividade pública.

Muito pelo contrário, sempre entendemos que o abastecimento do precioso líquido à população se impunha pela péssima qualidade do serviço como carente de providências que continuavam sendo ansiosamente esperadas principalmente nos bairros e subúrbios periféricos.

Corroborando com esse nosso modo de pensar, temos presente o parecer do atual superintendente do DAE no relatório que fez encaminhar ao sr. prefeito municipal.

De sorte que, se assim o fizemos, isto é, se nos bate-mos em favor do "statu quo" da água e esgoto não foi para resguardar o DAE das críticas e apupos que tem sofrido nestes últimos anos. O fizemos, isso sim, para que não fosse abraçado pelos tentáculos cruentos da Sabesp — hoje estigmatizada como o inimigo público nº 1.

Lícito é lembrar que o sr. Ibis Cruz, quando prefeito, ensaiou entregar o DAE à Sabesp, para livra-se dos ônus de altos encargos que pesavam, como ainda pesam, sobre a autarquia malsinada pela incipiente capacidade administrativa dos prepostos que designou para dirigi-la.

A luta desencadeada, cujo eco estrugiu pela cidade inteira, com reflexos profundos na Câmara Municipal, logrou impedir que se consumasse o ato inominável

Contra a propaganda indiscriminada do ex-prefeito, desenvolvida através dos órgãos publicitários que pagava regamente, mostrávamos ao povo, que, sob controle da Sabesp o preço da água seria quando menos quintuplicado, o que vale dizer uma tarifa estimada em mais de mil cruzeiros para os estabelecimentos comerciais e não menos que quinhentos cruzeiros para os prédios residenciais.

Muitos, talvez sugeridos pela força da propaganda entreguista, tenham feito ouvidos de mercador ao prurido da nossa grita.

Agora, vem a imprensa paulistana dando largas ao veemente protesto dos usuários da água na capital, majorados em importâncias que, como tiveram oportunidades de dizer a reportagem, muitos vão poder pagar.

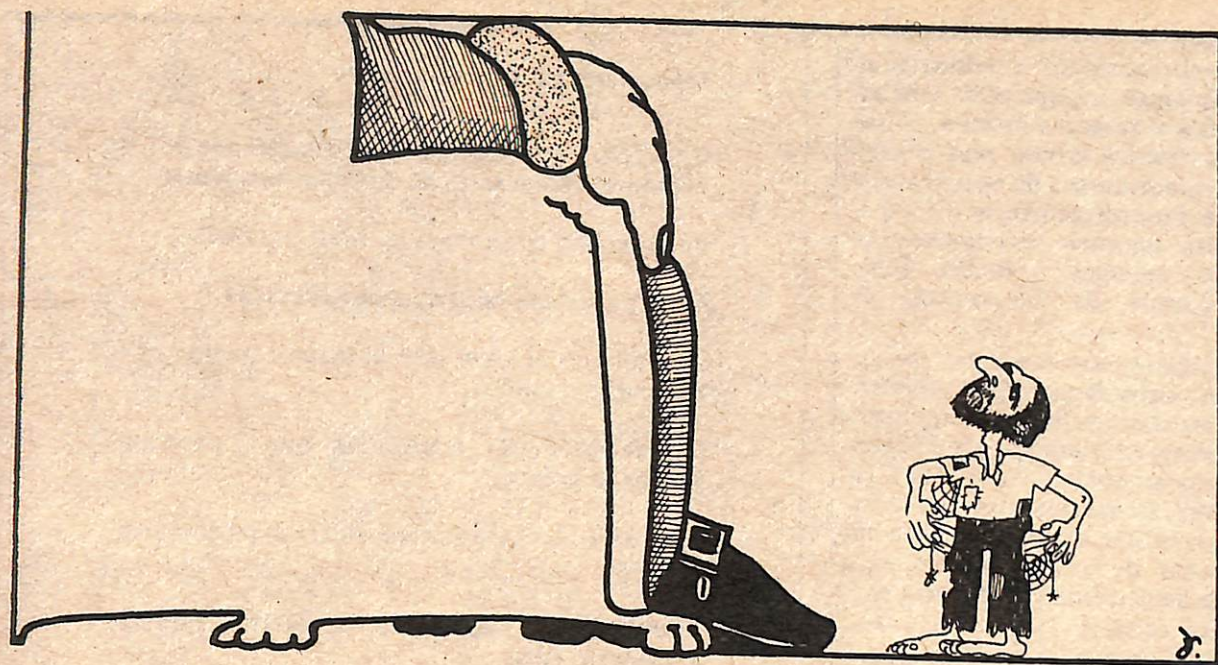
Fato análogo aconteceria em Jundiaí se a Sabesp tomasse conta do DAE.

Numa declaração um tanto difusa, do secretário dos Negócios Internos da Municipalidade, chegou-se a pensar em que a atual administração estivesse disposta a revigorar a idéia da troca de tutela face às dificuldades que o DAE vem enfrentando como herdeiro de um passado eivado de desmandos e inperosidade.

A atoada, que desde logo provocou comentários desfavoráveis, foi de pronto desmentida pela mesma fonte pelo que ficou-se sabendo não estar na cogitação do executivo uma solução de continuidade no "modus-vivendi", qual seja a passagem do DAE para a Sabesp.

Antes assim.

Elcio Vargas



O DIÁLOGO

O camponês: Majestade, de início, devo pedir desculpas por estar me apresentando assim mal trajado diante de Vossa Majestade, mas vos asseguro que não é por minha vontade, bem que eu queria vir de roupa nova mas é impossível comprar uma roupa nova no preço que anda o tecido, e olha, Majestade, que tenho minha mulher que costura a roupa da família e isso torna as coisas bem mais econômicas, mas mesmo assim o preço do tecido está fora do meu alcance, e não só do meu como de quase todo o povo. E saiba Vossa Majestade que esta roupa estava um pouco melhor, quando saí de meu campo, há vinte e sete dias, mas com esse tempo chuvoso, as estradas cheias de lama e buracos, não as estradas aqui da cidade que estas estão bem cuidadas e é justo, já que por elas transita a real carruagem, me refiro às estradas dos lugares mais afastados onde eu vivo. E, como sabe Vossa Majestade, eu vim a pé, já que não tenho nem mesmo recursos para pagar essa nova taxa que Vossa Majestade acaba de instituir a cada trecho da estrada para quem viaja de montaria, razão por que estou assim tão malajambrado. Afora isso, devo dizer que estes rasgos aqui, podeis ver que são recentes, eu não saí de casa com eles, eles foram feitos à entrada da cidade por um dos guardas de Vossa Majestade, que cismou estar eu portando uma arma, logo eu, Majestade, que sou homem de paz e que aqui vim em missão de paz. Sei que todo o cuidado é pouco para garantir a segurança de Vossa Majestade, mas aquele guarda poderia ter me revistado sem rasgar os meus bolsos, aliás, a Guarda Real anda fazendo isso a torto e direito, embora não acredite que esses fatos sejam do conhecimento de Vossa Majestade nem têm vosso consentimento mas que estão acontecendo, estão. Mas isso é outro assunto. Como Vossa Majestade sabe, a colheita deste ano foi pouca. Primeiro, foi a seca, torrando cada semente que a gente enterrou. Depois essas chuvas todas, os rios subindo e alagando tudo, as águas levando as poucas plantas que brotaram. Depois, ainda, foi na hora de vender. Reconheço que a seca e as chuvas não permitiram que o produto colhido fosse dos melhores, mas, na hora de vender, o preço que os compradores de Vossa Majestade ofereceram, me perdoe a liberdade, Majestade, não pagam nem o milho que a gente dá para os animais de carga que transportam o produto. E tem mais, Majestade, na hora de comprar as sementes para o novo plantio, a gente ficou abismada com os preços pedidos pelas reais casas de lavoura. Para Vossa Majestade ter uma idéia, com o mesmo dinheiro do ano passado eu consegui comprar um pouco mais da metade das sementes que havia comprado das outras vezes. Desse jeito, Majestade, a colheita futura está nas mãos de Deus. Ou as sementes que a gente vai plantar produzem o máximo, ou a gente não vai ter nem o suficiente para comer, quanto mais para vender. Nós todos sabemos, e os arautos de Vossa Majestade não cansam de dizer nas suas andanças pelos campos, que o preço

das sementes não depende de Vossa Majestade, uma vez que são sementes vindas de outros países, e que o preço, também lá fora, sofreu um acréscimo muito grande. De qualquer maneira, a situação está difícil para nós, não sei o que acontece, mas o nosso dinheiro - cada vez está comprando menos coisas, eu já falei do preço dos tecidos e é assim com tudo, o arado, os arreios dos animais, as ferramentas, já nem falo em vinho e outras bebidas porque isso a gente já não compra faz tanto tempo que eu nem me lembro mais do gosto de um bom vinho, mas falo dos remédios, a gente tem criança em casa e criança, Vossa Majestade sabe, vive com uma coisinha doendo aqui, doendo ali, e nem remédio está dando para comprar, tudo tão caro como está. Mas não é disso que eu vim falar, Majestade, porque eu sei que essas coisas não dependem de Vossa Majestade, Vossa Majestade também não pode ficar dando duro em cima desses comerciantes, que eles são gente influente e nem fica bem Vossa Majestade ficar brigando com eles, não que falte poderes a Vossa Majestade, mas não fica bem brigar com aqueles que, afinal de contas, convivem com Vossa Majestade aqui na cidade. O que eu queria falar com Vossa Majestade é sobre os impostos. Vossa Majestade sabe quanto aumentaram os impostos, só neste ano? Claro que sabe, pois é Vossa real vontade quem decide isso, mas estou falando porque Vossa Majestade não paga impostos, o que é justo, mas a gente paga e sabe o quanto está difícil para pagar. Eu sei, eu tenho ouvido o arauto de Vossa Majestade dizer, em suas andanças pelo campo, que os impostos representam o progresso e a nossa própria segurança, pois tudo isso custa dinheiro. Eu sei que o progresso vai indo aos poucos lá para o campo, porque primeiro é preciso progredir aqui a cidade, que é onde vive o pessoal melhorzinho e eles precisam de progresso. Mas já que o progresso vai indo aos pouquinhos para nós, eu queria pedir a Vossa Majestade que, pelo menos, cobrasse esses impostos aos pouquinhos, isto é, que eles fossem parcelados, porque é muito duro pagar tudo de uma vez, às vezes falta um dinheirinho para os tais remédios das crianças, até mesmo para dar uma comidinha melhor para elas, e não tem sobrado dinheiro nem para isso, Majestade. Se Vossa Majestade parcelasse os pagamentos, não ia faltar tanta coisa em casa e, Vossa Majestade há-de convir, quando tudo está bem em casa a gente trabalha melhor, com mais preocupação, e trabalhando mais a gente produz mais e daí pode pagar os impostos e esperar o progresso chegar. É um pedido que faço a Vossa Majestade, não apenas em meu nome, mas em nome de todos os homens que estão sofrendo, quase vivendo na miséria. Não dá para Vossa Majestade parcelar os impostos? Não digo abaixar, mas pelo menos parcelar os impostos?

O rei: Não.

Erazé Martinho

COISA & TAL

SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME.

Políticos arenistas já começam a lançar-se candidatos ao Senado. É o caso, por exemplo, do presidente da Arena paulista, Cláudio Lembo, e do governador de Pernambuco, Moura Cavalcanti.

Ambos fazem questão de ressaltar, porém, que querem disputar as eleições diretas, por questão de convicção pessoal.

Como não se tem conhecimento de qualquer eleição direta (nem mesmo para uma modesta verança) disputada por ambos, estranha-se nos meios políticos esse súbito furor cívico. Principalmente quando se sabe que, em todo o país, há arenistas apavorados com a grande possibilidade de serem massacrados nas urnas de 78.

E pergunta-se, nos mesmos meios: não estariam eles, com isso, apenas juntando argumentos para, na falta de vagas para as diretas, aceitar a vaga indireta sob a singela alegação de que são "soldados do partido?"

Se a especulação é verdadeira, ambos podem contar desde já com uma enorme relação de apelidos, em caso de serem escolhidos. Pois virou diversão entre os políticos aumentar a relação com criações próprias. As mais conhecidas, até agora: senador biônico, senador de matéria plástica, senador descartável e senador indireto, sem contar o já consagrado picareta da República.

Há, no entanto, quem veja intenções bem mais nobres no lançamento dessas candidaturas. Para muitos, o objetivo desses políticos é principalmente enfrentar a onda de pessimismo que, paradoxalmente, tomou conta da Arena, após as mudanças político-eleitorais efetuadas pelo governo. Pois, candidatando-se, demonstram a seus colegas de partido que confiam em vitória nas eleições diretas de 78.

De qualquer maneira, não escapam de um apelido. Há poucos dias um parlamentar contava em Brasília que o prestígio da Arena caiu tanto, com as reformas políticas, que seus candidatos às eleições diretas para o Senado serão "queimados" em 78. Um suicídio político.

Por isso já estão sendo chamados de bonzos.

SUICÍDIO

Apesar de seu caráter heróico, o suicídio dos diretórios municipais do MDB em Foz do Iguaçu (PR) e Bento Gonçalves (RS) não deverá mesmo ser imitado em outros pontos do país. É que, passado o impacto inicial das mudanças políticas e eleitorais pró-Arena, superado o primeiro impulso de largar tudo e desistir, o sentimento dominante entre os homens do MDB é agora o de continuar a ação política do partido.

Aliás, essa foi — desde o início — a posição das lideranças nacionais e estaduais da oposição.

Só não ficou bem a atitude dos diretórios estaduais do Paraná e do Rio Grande do Sul, que alguns identificaram como falta de respeito ao protesto dos suicidas: assim que os diretórios de Foz e Bento anunciaram sua auto-dissolução, os líderes regionais correram às duas cidades para arrumar gente que se dispusesse a formar novos diretórios.

Sérgio Rondino



PALAVRAS

"Sei que existe alguma coisa acima do bípede mamífero". (Moreira da Silva, cantor e compositor)

"Um expert em mercado financeiro, com livre trânsito entre as autoridades monetárias, enumerou as razões do insucesso das instituições do sistema: 1 - má administração; 2 - falta de planejamento técnico; 3 - falta de planejamento e controle; 4 - custos operacionais elevados; 5 - falta de comunicação; 6 - crescimento desordenado; 7 - euforia exacerbada em função do "boom" econômico; 8 - multiplicidade de negócios; 9 - desvio de recursos para outros fins; 10 - má-fé induzida". (Luiz Augusto, colunista social de "Última Hora" do Rio, 12/4)

"Gosto de compositor que faz boa música, gosto de letrista que faz boa letra, de autor e compositor que fazem coisas que eu entendo. Tem uns que fazem coisas que não entendo, mas mesmo assim eu escuto tudo pra conhecer até as músicas que não me dizem nada" (Elizeth Cardoso)

"Na verdade, a gordura me favoreceu e muito na carreira. Nunca fui tão requisitada para novelas, filmes, comerciais e shows como agora. E sentimentalmente também sou muito feliz. Namorados é que não me faltam". (Vilza Carla)

Não existem casa especializadas. Elas querem ver as gordas mortas. E quando vou comprar uma camisolinha pra mim, só encontro roxo com bordado vermelho e preto. Não dá pé". (Célia, cantora)

"Não sou contra a medicina privada, desde que ela seja praticada dentro de uma orientação geral de saúde pública, uma planificação, um projeto de saúde pública, enfim. O que acontece atualmente com a saúde no Brasil é que nem os médicos e nem os pacientes estão satisfeitos. Só três atividades ligadas à Medi-

cina têm motivos de satisfação: a indústria farmacêutica, que impinge à população uma infinidade de remédios às vezes inócuos, e que são usados indiscriminadamente, sem o devido controle (...), a indústria de aparelhamentos médicos, aparelhos diagnósticos (...) e, por fim, a indústria da saúde, as empresas privadas dos grupos médicos". (Médico Hélio Arthur Bacha, Jornal de 2a., semana de 4 a 10/4)

"Se um jogador passa dez anos participando apenas dos Jogos Regionais e Abertos, no fim ele será um atleta velho mas sem experiência. Então é preciso a promoção de campeonatos na cidade para motivar os atletas a jogar. Com isso, além do aperfeiçoamento técnico eles terão a necessária experiência para enfrentar campeonatos de maior envergadura". (Luís Geraldo Basile Lacerda, novo coordenador do Defert)

"Ponto fraco no ensino da redação é a falta de familiaridade com livros. Os jovens perderam o amor ao livro. Não lêem, não usam, não consultam, não têm livros! Fazem-se cursos superiores sem gastar livros. O aluno acaba o curso sem iniciar a formação da biblioteca. Sai trabalhador intelectual sem livro, sem ferramenta de trabalho. Soldado sem fuzil. O livro perdeu a vez. Tomou-lhe o lugar a amaldiçoada apostila, essa prática daninha". (Antônio de Abreu Rocha, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Jornal do Brasil, 10/3)

"Minha filha era saudável. Inteligente, estudiosa e até me ajudava no reustarante. Depois que passou a conviver com os Hare Krishna ficou apática, largou os estudos, não fala mais comigo, não quer saber de nada. Virou um traste: não se cuida, não se penteia, não cuida das unhas. Deve ter levado umalavagem cerebral no templo ou, então, lhe deram alguma droga para ficar assim". (Manoel Barqueiro Pinheiro, Folha de S. Paulo, 4/4)



Iconoclasta é o deus do soluço.

Tirocínio é uma espécie de meditação que os caçadores fazem antes de disparar suas armas.

Precípua é o despenhadeiro mais próximo.

Seara é o estado mais rico da Federação.

Arauto é o eco da voz humana, quando gritada nas montanhas.

Legisferantes são advogados que possuem bancas ao ar livre.

Argentária foi a primeira cantora profissional de tango.

Títire foi presidente da Iugoslávia, durante a ocupação russa.

Sacrossanto é o nome que se dá ao voto de castidade.

Malsã é a deusa da loucura, no candomblé.

Lampejo é uma espécie de inseto que tem luz na cabeça.

Tomo I foi o fundador da primeira biblioteca egípcia.

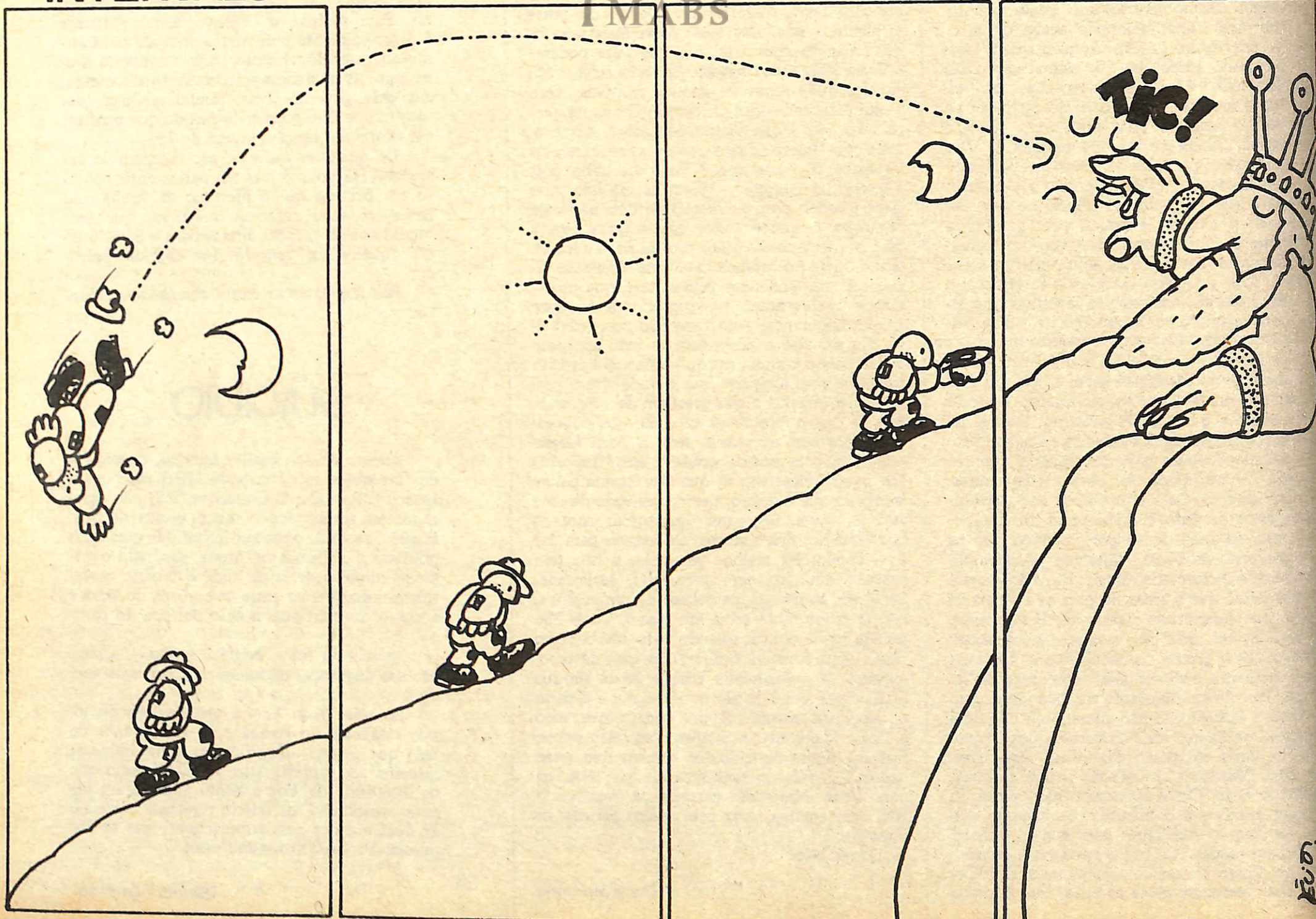
Arquipélago foi um filósofo, que se sentava em várias banheiras.

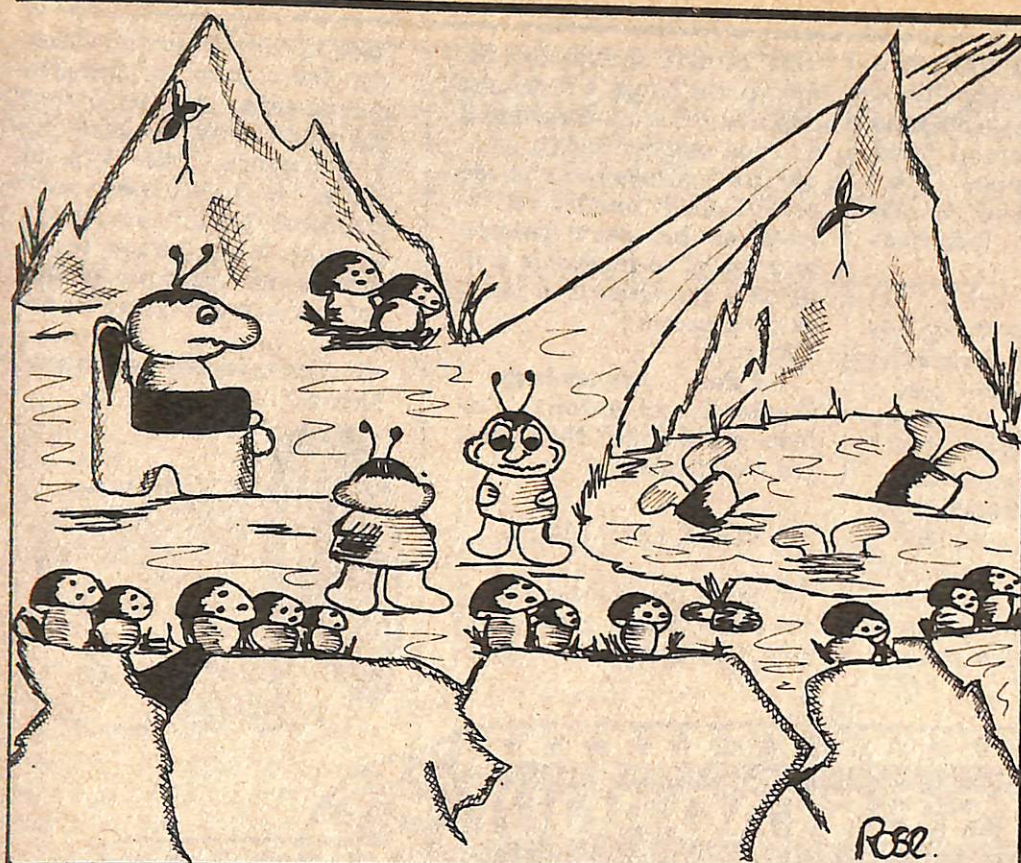
Espólio foi o herdeiro do teatro trágico da Grécia.

Barafunda é uma arma confusa usada por anões judeus.

Zarteu

INTERVALO





NA FLORESTA DE PEDRA

Era uma civilização muito antiga, muito antiga mesmo, que se perdeu nos alfarrábios que registram o tempo. Eram gnomos: duas tribos de gnomos. Da mesma raça, mesma altura, mesma pele, mesma consistência. Falavam até a mesma língua, o que não impedia que fossem inimigos.

Viviam numa floresta de pedra. Uns se intitulavam lucianos e os outros trimanos.

Contam velhas inscrições que os arqueólogos guardam nos porões dos museus: os lucianos e os trimanos, antes de se agruparem formavam dezenas de pequenos, médios e grandes grupos que se juntavam em volta de gnomos bem falantes e influentes e disputavam entres si grandes e pequenos tronos de pedra. Os que conseguiam sentar-se nos tronos de pedras eram os homens mais importantes da comunidade e suas vozes ecoavam pela floresta de pedra, ricocheteavam nas árvores de granito, e iam-se perder quase sempre num grande vale de onde o som nunca voltava.

Os que não conseguiam sentar-se nos tronos de pedra vagavam sem rumo, e muitos imploravam à Ursa Menor que mandasse à aldeia o eco da Grande Trovada.

Um dia ouviu-se um estrondo em toda a floresta de pedra e uma grande nuvem lilás cobriu a Ursa menor e todas as outras constelações. Contam-se verdades insólitas: os rios correram para as serras, os mares refluxiram e de dia a luz do céu, de incandescente que era, mudou para tons marrom-opaco.

Os gnomos sentiram-se seguros, fortes, porque os que se sentavam nos tronos de pedra foram desalojados e todos os que não se sentavam nos tronos de pedra achavam que ali estava a causa da agonia das plantações de cogumelos que cresciam nas fendas e das quais eles se alimentavam.

Mas havia sempre gnomos que não concordavam com os outros gnomos. Discutiam sobre os cogume-

los, sobre a floresta, sobre o lugar onde o sol se punha. Os que achavam uma coisa foram ser lucianos e os que achavam outra coisa foram ser trimanos.

Mas mesmo entre lucianos e trimanos reinava a discórdia e todos queriam sentar-se nos tronos de pedra. Os lucianos não deixavam o lugar de bom grado para os outros irmãos lucianos, e os trimanos faziam a mesma coisa com os outros irmãos trimanos.

Os lucianos, que se diziam predestinados por terem feito orações mais altas à Ursa menor, sentaram-se em muitos e muitos tronos de pedra. Mas havia lucianos que queriam os tronos dos outros lucianos. Os trimanos mais débeis, frágeis e transparentes, tropeçavam nas raízes das árvores de floresta de pedra, caíam e se machucavam. Alguns se levantavam e outros não. Os que se levantavam comiam raízes estranhas encontradas nos sopés das montanhas e criavam anti-corpos. Mas essas raízes tinham um estranho efeito quando a nuvem lilás encobria a Ursa Menor — o que acontecia em períodos imprevistos e intercalados — os trimanos que as tivessem comido se transformavam em iguanos, mergulhavam nos lagos e não voltavam à tona.

E enquanto essas coisas estranhas iam acontecendo, havia lucianos maldizendo lucianos, porque os que os tinham os tronos de pedra queriam acumular mais cogumelos do que o que não tinham tronos de pedra.

As últimas inscrições decifradas por computadores da quarta geração levam os arqueólogos, etnólogos, historiadores e paleontólogos a uma só conclusão sobre o destino daquela estranha, velha e imemorial civilização: um dia todos os lucianos, e os trimanos esvairam-se nas águas do lago. No lugar onde consta que eles viveram, viscejam hoje os cogumelos.

Sandro Vaia

(Esta crônica é uma reedição. Sua primeira publicação foi feita no J2a, de 30/5/76).

I
De um escritório do secretário da Segurança Pública, Coronel Erasmo Dias, no início da semana passada, ao seu chefe de gabinete, ao comandante geral da Polícia Militar, ao delegado-geral de Polícia e a seus principais assessores: "o roubo a mão armada (o assalto) continua a intranquilizar a população e a desafiar a Polícia; quaisquer que sejam os motivos de seu incremento, pelo surgimento de novas causas sociais geradoras do crime, ou por novas oportunidades criadas pela população ou por uma ação pouco eficaz da Justiça, impõe-se que a Polícia responda ao desafio".

II
Métodos de ação da Polícia, perfeita ação de Polícia judiciária e policiamento ostensivo e eficiente foram algumas das enfáticas recomendações do titular da pasta da Segurança Pública. Como já observamos nesse mesmo "Plantão", há pouco tempo, polícia é polícia — e descoberta das causas que geram o crime outra, completamente diferente.

III
Sidney Bijou, conhecido psicólogo americano de atendimento a criança excepcionais, esteve em São Paulo. Falando sobre a adoção dos métodos comportamentais nos Estados Unidos, comentou numa entrevista ao "Jornal da Tarde":

—...Em relação à delinquência juvenil, 10 ou 15 % dos juízes estão mandando jovens para casas especializadas e não para a prisão. No sistema penitenciário, não são aplicados, porque o sistema é muito punitivo. Entre os hospitais psiquiátricos, uns 15 % aplicam esses métodos. O problema nessas hospitais é que eles usam muitos medicamentos fortes, como tranquilizantes etc. e não se pode trabalhar com gente que está sempre dopada.

IV
Vejam só as diferenças. . . Aliás, tratamos do problema do menor também, nessa coluna, quando se registrou o trágico número de 4 menores infratores assassinados, no curto espaço de quinze dias, nas celas do DEIC. Prefiro fazer duas citações para voltar ao assunto. A primeira, de Mário de Moraes Altenfelder Silva, secretário do Bem-Estar Social:

A sociedade não pode vangloriar-se desses meninos desamparados, a quem a vida ensinou que a agressividade e aspereza representam as suas únicas oportunidades de sobrevivência. Não se pode abrir prisões para contê-los. Eles precisam de um outro mundo, onde a mão que se levanta não seja aquela que vai descer batendo, mas que descerá com suavidade, num gesto de acolhida carinhosa a quem não teve a oportunidade social de nascer favorecido pela sorte.

A segunda citação: palavras da poetisa Gabriela Mistral:

—Nós somos culpados de muitos erros e muitas faltas, mas nosso pior crime é o abandono das crianças, desprezando a fonte de vida. Muitas coisas que precisamos podem esperar. A criança não pode. Ainda agora, seu corpo está em formação, seu sangue está sendo feito e seus sentimentos estão se desenvolvendo. Para ele não podemos responder: "amanhã". Seu nome é "Hoje".

Chegamos, então, à fórmula que

se torna cada vez mais conhecida: o desenvolvimento social deve acompanhar no mesmo nível e com a mesma intensidade o desenvolvimento econômico. Lembrando, ainda, com relação aos menores, as palavras de Jesus, o Grande Mestre ("o que fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes"), uma observação final: os problemas sociais existem, são fatores de crime e não se pode pretender que a Polícia, sozinha, os resolva. O problema é comunitário, pertence a cada um de nós. Um pouco meu e um pouco seu.

V
Durante o I Seminário sobre "marginalidade Social do Estado de São Paulo", algumas conceituações de marginalização foram feitas. Entre elas:

— Marginalidade, entendida no sentido de subsistemas sociais, significa em cada um desses subsistemas a não participação, por omissão ou exclusão, consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntária, de pessoas ou grupos nas formas de produção e reprodução da cultura, tanto nos seus aspectos materiais como não materiais, em tempos históricos variáveis" (Antonio Jordão Neto, sociólogo da Promoção Social);

— Marginalidade é a situação de uma população carenciada, despreparada cultural-periférica-econômica e socialmente, que não encontra por si condições para integrar-se de forma mínima desejável na realidade urbana de São Paulo" (Miriam Gianini Leite, assistente social).

VI
Atendendo a uma sugestão de pauta feita pelo Ademir Fernandes no Jornal de 2a. no. 95, um rápido comentário sobre a conferência do senador João Calmon, na Assembleia Legislativa, queixando-se de que os presidiários recebem mais de pecúlio do que as professoras municipais em alguns pontos do país, "por incrível que possa parecer".

Incrível mesmo é o senador aventurar-se a fazer uma conferência tão desinformado sobre a questão. O nobre senador precisa saber que esta é a mão de obra — a do presidiário — mais barata de que o Estado dispõe. Se o senhor é contra isso, empenhe-se também na reformulação do Código Penal Brasileiro, que diz: "... o sentenciado fica sujeito a trabalho, que deve ser remunerado, e a isolamento durante o repouso noturno".

Além disso, os homens civilizados entendem que o sistema prisional não é vingativo ou punitivo, mas deve ser recuperador. E estando sob a tutela do Estado, é natural que ele receba a alimentação e a "casa" gratuitas. Ou o senhor pretende que eles paguem aluguel?! Isso não significa, absolutamente, que eu seja favorável ao baixo salário das professoras. Acho, inclusive, que em vista do que ganha um senador, o disparate é gritante. Acho que o senador Calmon pode fazer mil comparações: o salário das professoras e o salário dos jogadores de futebol dos grandes clubes; as professoras e os superfuncionários; as professoras e a injeção de milhões na falida Lutfalla etc.etc.

Agora, pretender responsabilizar os presos pelo salário das professoras, é realmente o fim. É o que eu tinha a dizer, meu caro A.F.

Percival de Souza



ZONA FRANCA

NAJA PERSA E ESTADO GRAVIBUNDO

Recebemos, para publicação, os seguintes versos do sr. Lindemberg Miranda:

PICADAS - "Busco a serpente perversa/que enlaça minha origem/busco a naja persa/que pica a virgem/Quero a milenar macieira/que gera o fruto maldito/com a maçã feiticeira/que envenenou to do o Egito/Tramio experimentar o pecado/que, sem que eu pedisse/foi-me herdado/tábu da crendice/Rogo ao grande Deus/a mísera sabedoria pra dizer que os ateus/não são biofobia".

TINHA QUE SER ASSIM ? - "Penetrando num mundo/de interesses vulgares//num estado gravibundo/de contraste de ares/Todos acabam se acabando/d'um modo covarde/um herói se distanciando/ da realidade, sempre tarde ! / Jogam-se previsões/e incrédulas em iminência/pessoas, multidões/colocam-se em indignância/A cruz nas costas/a punição de que não se imuniza/eternas amostras /de que o homem se escraviza/Está tudo com tudo/mas nada prevalece/gritando e mudo/tudo desfalece/Desfalece e falece/base do espírito estremece/forçando a coisa acontece/

e o dia anoitece.../Anoitece e não amanhece/as últimas horas são prece/temporário tudo se enrijece/e o fruto apodrece.../decompõe degradado/surte efeito de fim/sem rastros, o fado/tinha que ser assim?"

PROGRESSO ? - "O vôo da ave/o homem voando/na lua uma nave/um prédio edificando/a ave no céu/no céu o avião/as casas, um véu/cobrando o chão/o cérebro eletrônico/o supersônico/o homem afônico/e o autômato irônico/o animal andando/o carro correndo/erva não está faltando/e gasolina continua tendo/uma mata sem estrada/

uma estrada sem mato/o alimento em lata/e a fome alada/a natureza industrializada/a vida materializada/a emoção neutralizada/e a vontade controlada/o mundo, o ingresso/ao incessante progresso/a morte, o regresso/e a vida sem retrocesso/É a técnica em processo !"

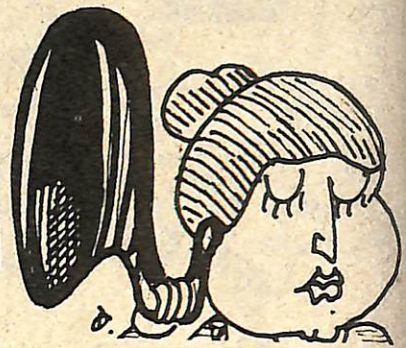
Falou, Lindemberg ! O pessoal aqui gostou do "estado gravibundo". Naja persa pra você também.

ROCK DAS MÃES

Sr. A reportagem sobre a noite de seresta comprovou uma fato que eu já descon-

fiava. Todos os jovens entrevistados pela reportagem queixaram-se de que o som era muito baixo. Eu acho que a juventude está ficando surda, de tanto ouvir rock em altos brados. Já pensou quando esses jovens forem mães e pais, quanto a Viennatone vai vender? Neusa Ramalho.

Quer repetir, por favor, Neusa ?



OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área, 2 dorm., garagem, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada, quintal. Cr\$ 700mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS - (16)

JARDIM CICA - jardim frontal, 3 dorm., sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garagem, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr\$ 800mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (326)

Jardim Brasil - Nova, com 3 dormitórios, todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil aquecedor central, armários externos, etc. Oferta Ribeiro

VILA LIBERDADE - 3 dorm., suite, banheiro social, sala grande, copa-cozinha, garagem p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr\$ 900mil, pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584)

JARDIM ANA MARIA - nova moderna, com 3 dormitórios, todos com armário, lavabo, 2 banheiros completos com armários, sala com armário, Hall com armário, sala íntima, jardim de inverno, 1 escritório, copa cozinha com armário, área de serviço, dependência para empregadas, garagem fechada para 2 carros, jardim, quintal e piscina para crianças. Terreno 16x31. Cr\$ 2.000.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

PARQUE DO COLÉGIO - Ocasão - fina residência estilo suíço, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, sala grande com lareira, sala de jantar, cozinha tipo Kitchen com armário embutido, azulejo até o teto, mais um banheiro completo, aquecedor central, dependência para empregada, abrigo para 2 carros, jardim, área construída 200 m2. Terreno 12 x 25. Cr\$ 1.300.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

ANHANGABAÚ - Residência nova com 3 dormitórios, 1 suite, com armários embutidos, banheiro social, lavabo, sala em L com carpete, e vidros fumê, copa, cozinha, lavanderia, dependência para empregada, garagem ou salão, 6x8, abrigo para 2 carros. Cr\$ - 1.200.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

Matota - Casa - Contendo 4 quartos, 1 suite, 3 banheiros, sal, c/ 83 m2. local p/ piscina, despensa, garagem para 8 autos, terraço em toda a volta, 2 apartamentos para empregada. Área de 5.000 m2. Ótima oportunidade, faltando somente o acabamento. Preço: Cr\$... 1.700.000,00 à prazo. Oferta Advocacia Predial

Estrada de Itu - Chácara - Com fina sede, com 2 aptos. armários embutidos, copa-cozinha, banheiro, garagem, sala, barração, afea p/ piscina, cercada, campo de futebol, grande pomar formado, luz e telefone. Preço excelente p/ venda urgente.

Oferta Advocacia Predial

Rua da Padroeira - Casa - Com 1 quarto, grande sala em "L", copa-cozinha, banheiro completo, abrigo para auto. Preço: Cr\$ 300.000,00 com facilidades. Pode ser financiada. Oferta Advocacia Predial

Jardim Cica - Casa - Na parte alta do bairro, com 2 quartos, sala, copa-cozinha, banheiro, entrada para vários autos, lindo jardim, etc. Preço: Cr\$ 450.000,00. Pode ser financiada.

Oferta Advocacia Predial

Parque do Colégio - Casa - Com 3 quartos, sendo 1 tipo apto. todos com armários embutidos, grande sala em "L", copa-cozinha toda azulejada, salão de festas, garagem p/ 3 autos, fachada toda de pedra, fino acabamento. Preço até o fim deste mês Cr\$ 1.200.000,00; aceita terreno de menor valor como parte do pagamento. Oferta Advocacia Predial

SÍTIOS E CHÁCARAS

BAIRRO DO JACARÉ - com 6 alqueires, distante do asfalto 1 km., luz, todo cercado, casa, tanque com peixes, córrego, 4.500 pés de pomar, 2 poços, aceita-se imóvel em Jundiá como parte de entrada. Cr\$ 2.000.000,00 - facilitado. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc. Próximo a várias propriedades. Cr\$ 15,00 o m2. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CAXAMBU - com 1 alqueire, 400 m do asfalto, casa sede nova, casa para caseiro, 2 poços com bomba, luz,

grande pomar produzindo, 2 bosques um de mato, outro de bambus. plantação de verduras e legumes, córrego e tanque, e todo cercado. Cr\$ 2.000.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

BAIRRO DA CHAVE - magnífica chácara casa c/ 3 dorm., arms. embs., sala, copa-cozinha, banheiro, jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiá. Cr\$ 550mil,

facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (1237)

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/festa 10mx80m, com mais 2 cômodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiá. Cr\$ 1.500.000,00, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (9961)

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

ITUPEVA

R. Moreira César, 139 - Fone: 434-9317

RIBEIRO IMÓVEIS

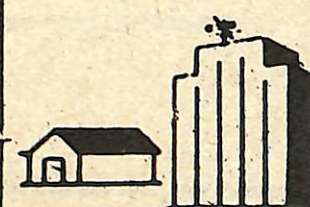
administração e venda

rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL

ALUGA - VENDE - AVALIA
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS.
ASSISTÊNCIA JURÍDICA.

R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.

FINANANCEIRA IPIRANGA: DÍVIDAS COBRADAS DE NOVO.

Durante algum tempo, muito dos consumidores jundiaenses fizeram suas compras à crédito através da financeira Ipiranga. E agora, depois de terem pagos suas contas, receberam com surpresa cartas de cobrança em nome da Audac - Consultoria e Assessoria de Cobranças, de suas dívidas saldadas, com ameaça de corte do crédito em Jundiaí e cidades vizinhas.

O endereço citado nas cartas para o recebimento das supostas dívidas é onde funciona a agência de empregos "Meta", rua Barão de Jundiaí, 881. Para lá se dirigiram os espantados consumidores para esclarecer suas dívidas inexistentes.

A alegação dos antigos clientes é de que foram vítimas de algum engano, pois afirmavam terem pago suas contas. Um dos reclamantes, Valdemar da Silva disse que foi avalista de seu irmão, mas que tudo fôra pago corretamente.

Outro rapaz disse que a conta que estavam cobrando tinha sido saldada há quatro anos. A recepcionista falou que ele teria que apresentar o carnê quitado, já que a lei prescreve que deveria mantê-lo por cinco anos. Mas esse não era o caso do rapaz, que discutiu com a moça sem nada conseguir.

O caso mais característico é de uma senhora, que recebeu as cartas e se dirigiu ao escritório no começo do mês passado. Lá uma das mo-

ças lhe explicou que teria que trazer o carnê quitado. A senhora nem ao menos sabia de que conta estavam falando. Ela foi atendida e pediu que esclarecessem melhor o caso. A moça procurou em uma das fichas e disse que "há uma confusão aqui

e a senhora vai ter que pagar".

No dia 6, a senhora recebeu outra carta de cobrança. Voltou ao escritório onde lhe mostraram uma folha com seu nome e a quantia que teria ficado devendo: Cr\$ 172,00. No mesmo dia, com

o dinheiro, retornou lá e foi avisada que com os juros, pois a conta era de 1974, o total era de quase Cr\$ 700,00.

Mas como ela poderia pagar algo se tinha certeza que não estava devendo nada? Em sua casa, acabou achando o carnê, de 10 prestações, totalmente quitado. No dia 13 de novo, esteve no escritório, depois de receber uma terceira carta de cobrança com o carnê que lá ficou. O funcionário disse que o caso iria ser estudado.

Na semana passada, um dos funcionários que está cuidando dessas cobranças, garantiu que as pessoas cobradas não precisam se preocupar, pois eles estão apenas fazendo um levantamento para o Banco Central.

Ele alegou que a financeira está com problemas e esse órgão federal, como fez com outras financiadoras, quer saber sua situação. Mas isso não justificou as cartas de cobranças com um grande carimbo vermelho dizendo que o crédito da pessoa está cortado e nem que iriam ser tomadas medidas judiciais para o recebimento.

Em suas declarações, o funcionário garantiu que as supostas dívidas não iriam ser executadas. E disse que não convinha ao jornal tocar no assunto, que é de área federal. Ele só não explicou o que seria feito do dinheiro que algum dos ex-clientes, mais afoito, tivesse pago uma dívida já saldada. (C.K.I.)

AÇÃO JUDICIAL

PROCESSO N.º 759/77

Comunicamos-lhe que recebemos Procuração Outorgada pelo seu Credor, para dar-lhe 48 (quarenta e oito) horas, entrarmos com Ação Judicial contra V.S., para liquidação de seu débito em atraso.

Se V.S., não quiser em fazer acordo para liquidação amigável, deverá comparecer com esta carta ao nosso Departamento de Cobranças, para não esgotar o prazo acima.

POSTOS DE RECEBIMENTO:

Jundiaí — Rua Barão de Jundiaí, 881 - 1.º andar - Sala - Centro
Americana — Rua 30 de Julho n.º 753 - Centro
Itú — Rua Padre Bartolomeu Tadei, 49 - Loja 04 - Centro - Ao lado da Igreja do Bom Jesus
Mogi Guaçu — Rua Nicolau Falsetti, 137 - Centro - Ao lado do Correio
Santa Bárbara D'Oeste — Rua XV de Novembro, 522 - Centro

ATENCIOSAMENTE

AUDAC - CONSULTORIA E ASSESSORIA
DE COBRANÇAS LTDA.

Horário: das 8:30 às 18:00 horas ininterruptamente
Sábado das 8:00 às 12:30 hs.

NÃO ATENDEMOS POR TELEFONE, FAVOR NÃO INSISTIR.

Com esta cara, a ameaça aos antigos clientes.

EM CÂMARA LENTA

27 de abril de 1977

A sessão da última quarta-feira transcorreu na maior calma, talvez por se tratar de um jogo amistoso que rendeu muito pouco para o povo, Ercílio Carpi "salvou" vários bairros da periferia com indicações verdadeiramente dignas de aplauso infantil, caso houvesse público infantil assistindo a sessão).

Da ordem do dia constavam apenas dois projetos do Executivo, aprovados por unanimidade: o de no. 3135, cedendo o Parque Comendador Carbonari para uso por parte de entidades filantrópicas, e o de no. 3139 que garante a continuação do convênio com o Estado para o funcionamento do ambulatório dentário no Centro de Saúde.

O resto foram "vivas" à bancada do MDB, à Câmara Municipal (viva nós!) e à cidade, pela atuação dos vereadores jundiaenses no XXI Congresso dos Municípios, em realização na cidade de Praia Grande. As razões dos "hip-hurras" procedem: Lázaro de Almeida foi eleito vice-presidente do Congresso; Tarcísio Germano de Lemos, presidente da Comissão de Assuntos Gerais e orador, em nome do Congresso, na recepção feita pela Câmara Municipal de Cubatão; e, principalmente o fato de Jundiaí ter limpado a péssima imagem deixada pelo ex-prefeito Ibis Cruz e seus comparsas no congresso do ano passado.

Depois das congratulações houve uma denúncia séria feita pelo líder do MDB, contra a omissão de socorro, acontecida no Hospital S. Vicente domingo atrasado, quando, por falta de cirurgia platonista, uma paciente internada em estado grave veio a falecer. Tarcísio Germano de Lemos fez a denúncia e culpou, em especial, a Faculdade de Medicina e seu "intocável" diretor Merty Bacilla, que até agora não assumiu a direção do hospital para lhe dar o "novo rumo" choramingado por acadêmicos e alardeado pelo diretor e pela Prefeitura.

Ao pagar das luzes, pouco antes das dez e meia, o vereador Antônio Tavares usou a tribuna para informar a Casa sobre a anulação do contrato que deu monopólio à Auto-Ônibus Jundiaí no transporte coletivo, decisão judicial inspirada no projeto-de-lei do referido vereador, que pode trazer de volta o serviço das três empresas aliadas pelo contrato injusto firmado pela administração anterior com a AOJ. Vai depender, agora, do prefeito Fávoro.

Erazé



BARÃO, 876-FUNDOS

Carlos
Kazuo
Inoue

Os corredores da Prefeitura estão inquietos. Rostos não identificados cochicham atrás de portas, falando de uma radiografia que está custando a aparecer. "O negócio está muito demorado", explicam os mais desconfiados.

Essa radiografia, prometida pelo prefeito Pedro Fávoro no início de sua administração, ainda não foi revelada para os olhos ansiosos em saber o tamanho da herança que a administração anterior deixou. Mas, por enquanto, as únicas respostas que timidamente soaram foram argumentos de que as investigações continuam.

Mais especificamente, há cerca de um mês sabia-se que o inquérito sobre o escabroso caso de desvio de materiais da Prefeitura para casas de funcionários estava concluído. Preparou-se um relatório, detalhadamente estudado pelo prefeito e pela procuradoria judicial da Prefeitura para a determinação das medidas seguintes.

No entanto, chegaram à conclusão de que faltavam alguns depoimentos que seriam tomados para a elaboração de um novo relatório. Ora, como poderia a comissão de inquérito, designada para investigar o caso, se descuidar de algo tão importante como ouvir os implicados?

No decorrer do trabalho dessa comissão, apesar do aparente sigilo, preciosas informações acabaram aflorando ao domínio público. Uma delas era a existência de provas documentais da saída de materiais para a casa do funcionário Iris Menegassi, motivo inclusive de uma denúncia publicada por este jornal.

Os mesmos rostos desconhecidos que se encontram preocupados com o desfecho do inquérito, estão dizendo que o desvio de materiais foi feito em grande escala. Inclusive, afirmam eles, a irregularidade não foi cometida apenas pelos correligionários do então prefeito Ibis Cruz.

Por isso é que existem as perguntas de como o inquérito está sendo desenvolvido, qual o motivo de tanto sigilo para atos ilegais provados e, sobretudo, por que a demora na conclusão do inquérito, o envio do documento ao Ministério Público já que foram cometidas ações passíveis de punição pela Justiça?

Existem muitos fatos que a opinião pública deseja saber. Por um lado, durante a administração anterior, este jornal não teve acesso aos documentos oficiais da Prefeitura (enquanto outros jornais se fingiram de mortos). E agora que poderia ser feito, coloca-se em sigilo tudo o que foi feito contra os cofres municipais.

É por isso que há tantos rostos preocupados. O atual prefeito, conhecido por honesto e de irrepreensível atuação no trato da coisa pública, foi a esperança de moralização na Prefeitura. Ele prometeu uma radiografia apurada de tudo que tinha sido feito às expensas do dinheiro público.

E é ele que, agora, está se prendendo em trâmites burocráticos e legais a portas fechadas, exatamente como o antecessor sempre fez seus negócios desastrosos para o município.

Não se trata apenas desse inquérito especificamente, mas também do relatório sobre a atual situação da Secretaria de Obras. Em ambos os casos sabe-se de muitas irregularidades. No entanto, ao público estas informações têm sido sonegadas (para não haver injustiça, convém lembrar que o relatório da Secretaria das Finanças já foi divulgado devidamente).

Há informações que alguns dos implicados poderiam estar preparando suas malas para tomar o tão usado rumo desconhecido. A impunidade em que estão vivendo é uma afronta aos votos que carregaram o atual prefeito ao seu cargo.

OITO VEREADORES CONTRA OS COMERCIÁRIOS. E QUE FORAM OS SUPERMERCADOS

OITO VEREADORES, USANDO DE ARGUMENTOS QUE PRIMARAM PELA SUPERFICIALIDADE COM QUE ABORDARAM O ASSUNTO, FORAM OS RESPONSÁVEIS EM MANTER OS SUPERMERCADOS ABERTOS AOS DOMINGOS. ELES NÃO VIRAM, OU NÃO QUISERAM VER, QUE OS MAIORES PREJUDICADOS FORAM OS COMERCIÁRIOS.

"Esta é uma terra sem lei", assim o presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Jundiaí, Mário Folgo - si, explicou a causa dos problemas por que passam os funcionários dos supermercados. E garantiu que a luta para o fechamento aos domingos desses estabelecimentos continuará.

Em outra investida contra a lei municipal de 1973 que permite o funcionamento dos supermercados aos domingos, a Prefeitura fracassou. Na sessão da Câmara Municipal do dia 20, o projeto oriundo do Executivo recebeu 7 votos a favor e 8 contra, mantendo a atual situação.

Se não bastasse a posição completamente estrábica dos oito vereadores que foram contrários ao projeto, os argumentos usados para se justificarem primaram pela alienação que tinham do problema. Por causa dessa desinformação, hipótese mais otimista para explicá-los, eles foram capazes de dizer grandes absurdos.

José Rivelli, por exemplo, tentou sensibilizar seus companheiros argumentando que os garotos encarregados do empacotamento e transporte das compras iriam perder seus empregos. Seu pensamento claudicante não se importou em saber que o trabalho aos domingos dos menores é proibido pela Consolidação das Leis do Trabalho.

Esse aspecto legal foi motivos do aparte que o líder do MDB, Tarcísio Germano de Lemos, fez ao vereador. No entanto, outro integrante da bancada oposicionista, Ercílio Carpi, travestiu-se com a bandeira agitada pelos que estavam contra o fechamento. E cometeu uma série de declarações desatinadas e dissonantes inclusive com o próprio espírito do partido que representa.

Ele não parou aí. Além de usar argumentos inadequados para qualquer político que se abriga sob a égide do MDB, pediu a evacuação do auditório. Foi logo depois do discurso de Tarcísio Germano de Lemos, ocasião em que se ouviram aplausos. Ercílio Carpi não deixou por menos: solicitou à presidência a presença de policiais para colocar fora do recinto os manifestantes. O que se lamentou foi justamente de um vereador da Oposição ter repetido o que o antigo presidente da Câmara, Carlos Ungaro, de triste memória chegou a fazer.

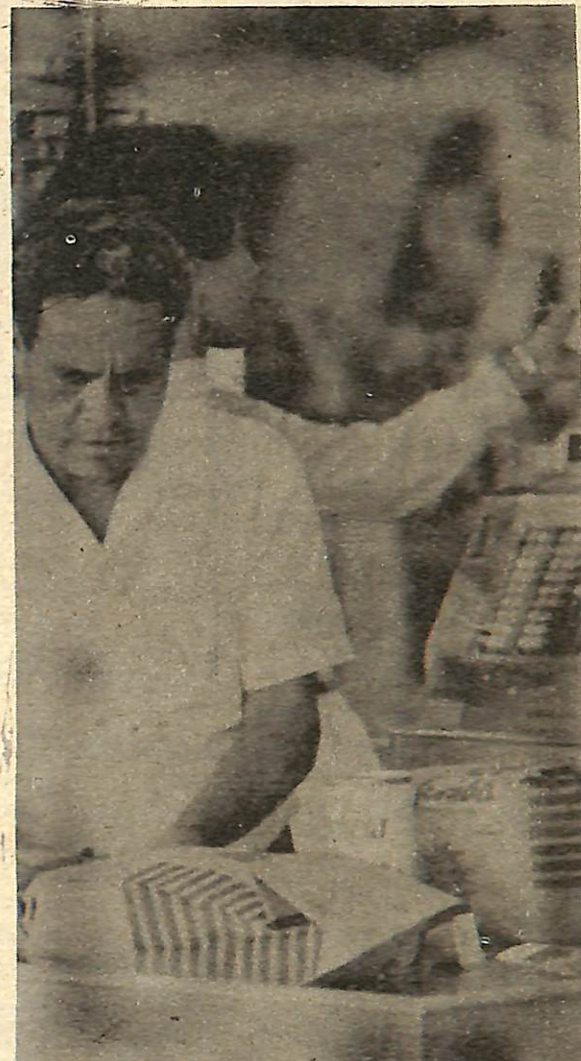
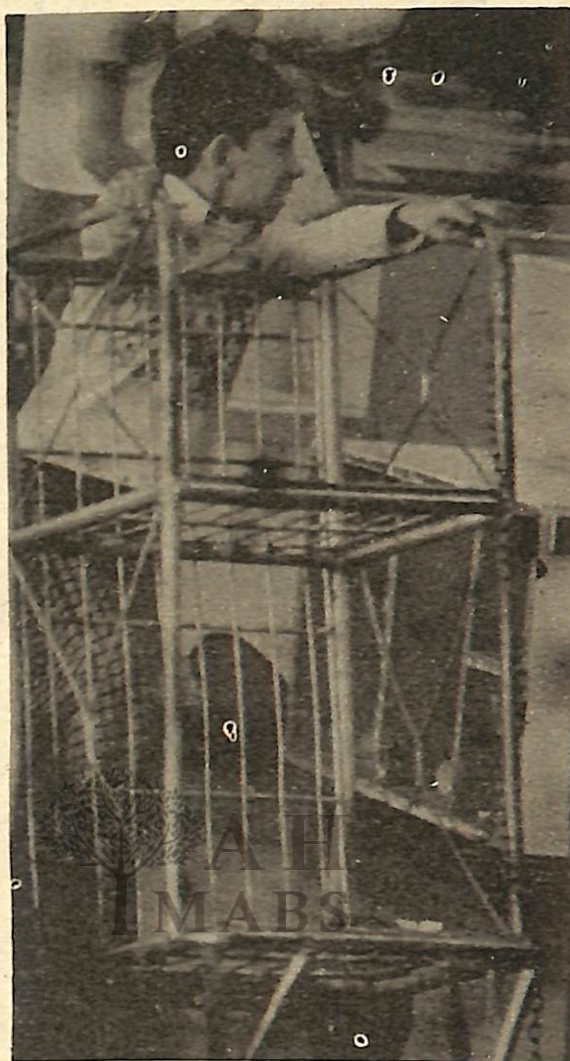
Não existem dúvidas de que o discurso mais sério ouvido naquela noite foi do vereador Ariovaldo Alves, do MDB: Ele abordou em primeiro lugar os aspectos legais do trabalho aos domingos, para depois entrar na tese maior da necessidade de um lazer verdadeiro, e não esse ilusório como parte da população encara o fato de ter os supermercados abertos aos domingos para passear.

Os vereadores que eram favoráveis ao projeto, esperavam a chegada de Pedro Osvaldo Beagin, cujo voto iria provocar um empate, a ser decidido pelo presidente Lázaro de Almeida, que votaria a favor. Por isso, quando o líder oposicionista pediu uma suspensão dos trabalhos, manobra para ganhar tempo, e o presidente consentiu, o vereador José Rivelli voltou à carga, acusando a presidência de fazer "o jogo do MDB".

Beagin acabou não aparecendo, por questões profissionais e o projeto do fechamento dos supermercados aos domingos malogrou. O jornalista Percival de Souza perguntaria: "cui prodest?", uma expressão latina usada em Direito e que, numa tradução muito pouco literal, significa "quem tirou o benefício desse ato?"

Não é preciso uma análise muito profunda para se saber que os beneficiados são os grandes supermercados, representados na cidade pelo Jumbo e Eletroradiobraz. Os outros, Russi, Elias e Boa, segundo informações do Sindicato, costumam zelar pelos direitos trabalhistas de seus funcionários, o que não acontece nas grandes empresas do varejo.

Se existe algum aparato aos funcionários por parte da Ele-



Não só os garotos
são prejudicados, mas
também todos
os outros funcionários.



GANHOU

acordo com as informações do Sindicato, no dia comum, infringindo a C.L.T., que os funcionários, nos dois estabelecimentos, regime de C.L.T. são obrigados a trabalhar por dia e não recebem a mais pelas horas

O trabalho aos domingos é remunerado em dobro. Quanto aos garotos empacotadores ainda os registra, mas o Jumbo também é contrário à lei. Além do trabalho proibido aos domingos.

qualquer providência contra isso? quando recebe alguma queixa de um de seus funcionários ganha a causa e o seus direitos. E na ausência do serviço.

os comerciantes que necessitam do trabalho para sobreviver se submetem a esse regime, que das explicações preliminares dadas quando

na economia em que se encontra a faixa de população os funcionários dos supermercados, teriam de enfrentar a força da grande empresa. pura e simples das regras de um jogo que para renunciando aos direitos trabalhistas que foram conquistados ao longo de muitos anos.

o órgão fiscalizador é tão grande que o comércio funciona aos domingos impunemente. e as mercadorias vendidas sem que surja qualquer reclamação. "É uma coisa vergonhosa, nunca al" mentou o presidente do Sindicato.

do Sindicato, Mário Folgosi, declarou a possibilidade de um acordo com os empresários seria fictício. Isso porque não existe. A lei existe, mas não funciona"

que disse, a Delegacia do Trabalho tem a intenção de fazer a C.L.T. ser respeitada. Mas as denúncias apresentadas acabam se tornando inúteis. Por isso a Delegacia recebe uma denúncia e não existe plantão, a irregularidade continua.

o Sindicato tem feito o que está a seu alcance para não ser longe o suficiente para terminar com os processos gerados pela situação em que funcionam os supermercados.

pergunta-se. Está claro e evidente que os comerciantes que estão sendo beneficiados. Muito mais são espoliados de seus direitos e se reclamação que é o Sindicato, são despedidos sem

por sua vez, continua a luta contra essa situação de armas tão inocuas que desde 1973 os supermercados aos domingos na mesma situação com re-

vereadores, Antônio Tavares, Auçônio Toledo, Eríclio Carpi, Henrique Victório Franco, Moura, José Rivelli e Lázaro Oliveira Dorta, impedindo o fechamento dos supermercados. registrar que os defensores do projeto foram José Filho, Ariovaldo Alves, André Benassi, Dias, Duílio Buzanelli, Lázaro Rosa e Tarcísio

beneficiados foram os supermercados que exploradores, isso já é sabido. Mas quem mais poderia insistir na continuação desse lamentável estado dos comerciantes? (Carlos Kazuo



Os meninos trabalham em dia proibido e nada impede isso.

Aos domingos, o trabalho fora da lei.

A maioria dos menores, que trabalham como empacotadores em um dos maiores supermercados da cidade, têm 11 anos. Eles não são registrados, recebem 150 cruzeiros fixos, um vale para o lanche diário de 9 cruzeiros e mais o que ganham dos fregueses — uma média de 15 a 20 cruzeiros de gorjeta por dia. São divididos em duas turmas, das 8 às 15 horas e das 15 às 22 horas, incluindo sábados e domingos, com dispensa em um dia qualquer da semana escolhido pela empresa.

Um dos garotos, cujo nome estamos omitindo, mora na Vila Rami e está na 5a. série do Siqueira: "aqui eu trabalho das 3 às 10 horas, às vezes fica duro de levantar cedo e ir para a escola, mas o que eu posso fazer? Lá em casa a gente é em dois irmãos que trabalha, um pequeno, mais minha mãe e meu pai que é encostado. Todo dia eu chego e entrego tudo para minha mãe, e sabe que não sobra nada? Vai tudo em despesa. Só de vez em quando sobra algum prático uma calça ou uma blusa que eu preciso".

Os garotos são bastante descontraindo e parecem gostar quando as pessoas lhes falam algo além de simplesmente indicar: "ponha tudo naquele carro ali". Outros contam coisas a seu respeito: "Eu não estudo não. Trabalhando das 8 às 3 e só dá pra estudar à noite, mas eu não consigo vaga. Vão ver se no ano que vem dá. Parar com o trabalho é que não pode, o que eu tiro é pouco mas já ajuda muito em casa". "Eu já não tenho esse problema — fala outro interferindo — o meu pai trabalha em obra e tira uns 10 mil por mês, mas minha mãe pede pra eu dar tudo que eu tiro".

Eles não gostam de trabalhar nos domingos, quando eles cumprem o mesmo horário da semana: "é uma droga mas vai fazer o quê? Desde o começo sempre foi assim" — fala um dos garotos, que continua: "de vez em quando a gente falta pra fazer um passeio qualquer, mas isso só muito de vez em quando, que se começar a faltar é despedido. Tá vendo aquele ali? Foi despedido — fala apontando um menino com cara de choro encostado num carrinho de compras do lado de fora do supermercado.

Falando juntos, três deles contam o caso: "É que ele deu um pontapé no outro que tomou um carrinho que ele estava tomando conta. Ele explicou mas daí veio o gerente e despediu. Agora perdeu tudo, não pode mais ficar aqui. Acho que tem medo que a mãe fique braba".

Em outro estabelecimento, também um dos maiores da cidade, a situação dos menores já é um pouco melhor. Ao menos são registrados e parece ser este um dos principais motivos por que lá trabalham, além da necessidade: "Eu tô aqui faz seis meses, antes eu vendia biju igual ao meu irmão menor. Agora pelo menos eu pertencço ao INPS, assim se eu ficar doente já tem alguém pra socorrer e com o biju não tinha nada disso". Esse menino mora no Jardim São Camilo, tem 14 anos e parou de estudar na 5a. série.

Ele começa a trabalhar às 11 horas, às 17 horas tem um intervalo para o jantar que traz numa marmita de casa, e volta ao serviço das 18 às 19 horas. Aos domingos trabalha das 8 às 13 horas e em caso de falta tem que trazer atestado médico, outra desculpa não é aceita. As folgas só ocorrem de oito em oito dias e para isso ele ganha um salário mínimo e mais as gorjetas que alguns fregueses dão (cerca de 20 cruzeiros por dia).

Sem parar de arrumar as mercadorias nos pacotes ele vai falando: "quando a gente entra aqui já sabe que tem que ser assim. Então trabalhar aos domingos faz parte do trato. Ou aceita ou não trabalha, e eu preciso de qualquer jeito. Em casa é eu, mais dois irmãos que trabalham e mais a minha mãe. Eu dou todo o dinheiro para ela porque sabe, a gente tava comprando um terreno que só faltava pagar a última prestação. Daí parece que veio uma nova lei que tem que pagar tudo de novo. O quanto a gente paga eu não tô bem informado"

NÃO AOS DOMINGOS

Os demais funcionários dos super-mercados também repelem o trabalho aos domingos. Mas como a obrigatoriedade dos serviços nesse dia constava em seus contratos, eles nada podem fazer além de se lamentar. Assim fala uma jovem que trabalha na sessão de frutas e legumes de um super-mercado: "sabe, o serviço não é pesado e até que a gente se diverte conversando com gente muito boa, também tem os chatos e estúpidos, mas a gente vai levando. Só que nós ganhamos um salário mínimo e o domingo não é contado como hora extra, quer dizer, tem que vir e se falta tem que trazer atestado".

"Veja: nessa sessão vem no máximo umas 11 pessoas comprar alguma coisa, e no domingo é justamente o dia que tem mais gente girando aqui dentro. Sabe o que eles vêm fazer? Ficam passeando, olhando as prateleiras, comprando uma coisa ou outra, e sabe o que mais? Você nem imagina o que dá de roubo nesse dia — É um Deus nos acuda".

Alguns consumidores, quanto ao fechamento dos supermercados aos domingos, à princípio são contra a idéia. Mas mesmo eles, mais adiante concordam que o serviço nesse dia poderia ser dispensado e a grande maioria desconhece as condições de trabalho dos funcionários dessas empresas.

Os estudante Roberto Zottini acha que não há necessidade: "lá em casa as compras são feitas durante a semana. Às vezes, depois da missa de domingo meu pai vai ao supermercado, mas é sempre pra comprar um vinho ou outra coisa de menor importância. Já que esses lugares ficam abertos diariamente até as 22 horas, inclusive nos sábados, eu acho que não seria desculpa dizer que pra quem trabalha não dá tempo. Na verdade algumas famílias vão lá para passear, o que prova que em Jundiaí estão faltando diversões".

Cecília Nevada, uma dona de casa, diz que já carrega embrulho a semana toda e seu domingo é sagrado, dia de descanso: "no máximo eles deveriam fazer como as farmácias, bastaria uma de plantão. Eu já cheguei a ir ao supermercado no domingo, comprar mussarela, um queijo, mas isso eu poderia fazer numa padaria qualquer. Para o pessoal que trabalha, as compras poderiam ser feitas no sábado. Pro supermercado eu acho que não dá pra dar prejuízo, pois compras a gente tem que fazer de qualquer jeito. E pros funcionários então eu acho que eles são os mais prejudicados — da mesma forma que eu não gosto de comprar, acho que não gostaria de trabalhar no domingo. É um dia feito pra passear ou descansar da rotina da semana". (Lêda Cassins)



ESPORTES

PELA 30ª VEZ, OS JOGOS DO SESI.

Com a participação de funcionários ligados à Indústria, Pesca, Transporte e Comunicação, iniciaram-se domingo, dia 1o. de maio, os XXX Jogos desportivos Operários. Trata-se da mais antiga e tradicional competição do SESI, que completa 30 anos, e agora pode realizar todos os jogos, exceto os de futebol de campo, em seu novo conjunto esportivo.

Este ano 37 firmas participam nas disputas das seguintes modalidades:

Alfred Teves: futebol de campo e futebol de salão; **Andrade Latorre**: futebol de campo, de salão, damas, tênis de mesa masculino, malha e tênis de campo masculino; **Astra**: basquete feminino e malha; **Toddy**: futebol de campo, futebol de salão, xadrez, dama, tênis de mesa masculino, e tênis de campo masculino; **Fleischmann**: futebol de campo e futebol de salão; **Dal Santo**: futebol de campo, de salão basquete masculino, volei masculino, dama, bocha, tênis de mesa masculino e tênis de campo masculino; **Filobel**: futebol de campo, de salão, basquete masculino e feminino, xadrez, malhas, tênis de mesa feminino; **Vulcabras**: futebol de campo, de salão, basquete feminino, xadrez, dama, bocha, tênis de mesa masculino, e malha; **Bracomex**: futebol de campo e de salão e tênis de mesa masculino; **Dersa**: futebol de campo e de salão basquete masculino, volei masculino, xadrez, dama, bocha, tênis de mesa masculino, malha e tênis de campo masculino; **Cica**: futebol de campo e de salão, basquete masculino e feminino, xadrez, dama, tênis de mesa masculino, malha, tênis de campo masculino e tênis de mesa feminino; **Caldas**: xadrez, dama e tênis de mesa masculino; **Sifco**: futebol de campo e de sa-

lão, dama, tênis de mesa masculino, basquete masculino, volei masculino, bocha, malha, tênis de campo masculino; **Tusa**: futebol de campo e de salão, basquete masculino, xadrez, dama e tênis de mesa masculino; **Elbena**: futebol de campo e basquete masculino; **São Bento**: futebol de salão e basquete feminino; **Chivalo**: futebol de campo e de salão e basquete masculino; **Elkeiróz**: futebol de campo e de salão; **Vigorelli**: futebol de campo e de salão e basquete masculino; **Mecânica Jundiá**: futebol de campo e de salão e malha; **Duratex Cerâmica**: futebol de campo e de salão; **Paoletti**: futebol de campo e de salão, basquete masculino, xadrez, dama e tênis de mesa masculino; **K.S.B.**: futebol de campo e de salão, xadrez, bocha e malha; **Petri**: futebol de campo e de salão, xadrez e dama; **So-gima**: futebol de salão; **Leal Standard**: futebol de campo e de salão e bocha; **Jundi-Arte**: futebol de campo e de salão; **Morando Instalações**: futebol de campo e de salão bocha e malha; **Pedro Dal Santo**: futebol de campo e tênis de campo masculino; **Easa**: futebol de campo; **Máquinas Morando**: futebol de campo e de salão; **Correias Mercúrio**: futebol de campo e de salão, basquete masculino, xadrez, dama, bocha e tênis de campo masculino; **Expresso Jundiá**: futebol de campo, xadrez e dama; **Duratex Chapas**: futebol de campo e de salão, xadrez, dama, bocha e tênis de campo masculino; **Spuma-Pac**: futebol de campo e de salão; **Kanebo**: futebol de campo e de salão, tênis de mesa masculino, tênis de campo masculino e tênis de mesa feminino; **Eletro Química**: futebol de campo e de salão, xadrez, dama, bocha e malha; **Caic**: futebol de campo.

EDUCAÇÃO

OS ALUNOS DA PUCC PROTESTAM. APESAR DE TUDO.

Novamente, os alunos, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas voltaram à carga contra a reitoria da escola. Desta vez, por um motivo também usado pela PUC do Rio: o aumento ilegal das anuidades, majoradas em 43 % enquanto o índice autorizado pelo Conselho Federal de Educação era de 35%.

Se a universidade esperava ficar totalmente impune por este desrespeito a uma norma federal, o mesmo não ocorreu com os alunos. Da mesma forma com que se movimentaram para resolver, entre outros, os problemas que estavam enfrentando por causa dos ônibus para o campus da escola, eles se reuniram na quinta-feira passada, no "patio dos leões", que fica no prédio central da PUCC.

Enquanto esta matéria era escrita, a assembleia, convocada através de uma "carta aberta população" distribuída em todos os cursos da escola, ainda não tinha sido realizada mas era esperado um grande número de participantes.

No documento, entregue de mão em mão no mesmo dia por uma comissão de alunos da universidade, era citado um comunicado expedido no dia 25 pela direção de estabelecimento sobre a majoração da anuidade. Diante disso, ficou resolvida a realização da assembleia.

Na carta aberta, a comissão de alunos explicava também que houve tentativa de neutralizar a manifestação. Entre elas, o ofício a todos os membros dos diretórios acadêmicos de que seriam advertidos e essa pena constaria de currículos. Uma marca indelével que teriam de carregar por toda a vida. Além disso, a pressão através de um órgão militar dos integrantes da comissão.

"Diante disso - diz a carta aberta - questionamos até que ponto podemos estar seguros e ser livres de acordo com a Declaração dos Direitos Humanos, principalmente nesta Pontifícia Universidade Católica, onde o próprio reitor influencia órgãos alheios a esta para reprimir um reivindicação dos estudantes, que abertamente todos podem ver como uma das mais justas".

E era apenas isto que os estudantes queriam. Discutir abertamente os problemas que os afligem, com a majoração das anuidades acima dos limites regularmente impostos. Da mesma forma como era legítima a manifestação deles com relação ao problema dos ônibus.

Aparentemente, está havendo uma conscientização da classe estudantil já há longo anos se encontra à margem de movimentos desse gênero. E a principal consequência é o que se encontra na Educação atualmente: uma instituição que se distancia cada vez mais de um de seus principais objetivos e que sem ele tudo se torna inútil: a condução dos estudantes à realidade fora dos bancos escolares.

E não se trata apenas de um bom preparo técnico dos profissionais universitários. Há muito mais que isso, pois eles formarão uma parcela importante dos mecanismos sociais, políticos e econômicos, que no seu dinamismo exigem a presença de mentes lúcidas para impedir todas as distorções possíveis.

Daí a importância da discussão aberta dos problemas coletivos. Sem pressões, sem ameaças, para que todos argumentos sejam ouvidos e as soluções atendam às necessidades. Isso é válido dentro e, principalmente, fora da escola. Tanto que se os estudantes se dispõem a debater suas preocupações há que se incentivá-los. Só através disso é que surgem resultados sensatos.

Mas é justamente aí que aparece o grande perigo. Não são poucos os que, sem hesitar, querem o uso da força para impedir esse tipo de manifestação. Os motivos que apresentam são tão variados como estapafúrdios. Por trás de uma visão nublada ou simplesmente malintencionada, insistem em vestir os estudantes com manto da subversão.

Justamente esse maniqueísmo é que tem amordaçado a maioria das bocas. Uma parcela respeitável dos estudantes não se atreve nem ao menos participar de uma assembleia onde se está pleiteando algo que fira os interesses de suas escolas. Algo assim como: se não se está do lado da reitoria é porque está querendo baderna.

Um exemplo que os alunos da PUCC devem se recordar, é a cópia de um editorial da revista "Artigo Primeiro" (edição de abril) da Faculdade de Direito. No mesmo dia em que a comissão de alunos convocava os estudantes para a assembleia no "patio dos leões", em todas as portas, quadros, paredes e onde pudesse ser colocado, pregaram a cópia do editorial.

O autor, que aparece sob assinatura de Pedro Forti Júnior, do quinto ano, não se deteve apenas a uma posição de apoio à reitoria da escola no episódio dos ônibus. Ele foi muito mais ousado na sua bajulação procurando justificar que o problema dos transportes coletivos está presente em todos os governos atuais.

No entanto, sua visão de render graças à reitoria não lhe permitiu atinar que a empresa contratada, sob solicitação, para o serviço não estava atendendo às necessidades dos alunos. Seu raciocínio servil não deixou que percebesse o prejuízo dos próprios colegas, que inclusive perdiam aula por causa do ônibus.

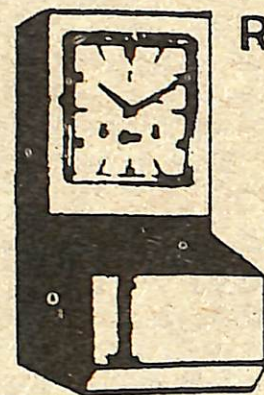
Dissonante na sua linha de adulação, o autor reconheceu que as reivindicações eram justas, "tanto que foram atendidas e a crise imediatamente superada". Mas ele se recuperou logo do deslize não dizendo que a solução dada ao problema foi a colocação de outra empresa de ônibus, mais luxuosos, cobrando a tarifa de Cr\$ 2,50, um cruzeiro a mais que os outros coletivos.

Com um cinismo inesperado para um estudante, que se supõe ser jovem, o articulista alegou que seus colegas "acabaram de assistir uma manifestação onde o idealismo foi colocado em termos bastante entusiásticos até, e entendam que todos devemos dividir fraternalmente os ônus de uma situação econômica para pagar as largas contribuições exigidas pelo progresso".

Depois dessa explanação inédita para explicar a alta do custo de vida, o editorialista de espinha dorsal flexível condenou "com energia a iniciativa de alguns alunos exaltados procurando aliciar ouvintes em detrimento da própria essência de toda a questão. O movimento foi precipitado e prematuro apesar de justo".

Para um estudante de direito estas palavras soaram como heresia. Será este o tipo de Justiça que está aprendendo na escola? Por acaso existe alguma ocasião em que é cedo demais para se praticar a Justiça, conforme o autor alegou ao dizer que o movimento foi precipitado e prematuro apesar de justo?

Os demais alunos da PUCC, no final do editorial, ainda marcaram alguns pontos a seu favor. Se o editorialista agradeceu à reitoria as providências que tomou, seus colegas podem lhe dizer: "Obrigado por tudo", pois agora sabem com que tipo de estudante são obrigados a conviver (Carlos Kazuo Inoue)



RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTD A

BARÃO, 427 - TEL. 436-8231

**A ASTRA existe para que não
existam banheiros mal decorados.**

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR

E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398,
434-6598 e 434-6798.



EMPRESA DE TRANSPORTES

Vieira
Lda.

MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS

Filial - JUNDIAÍ

R. Senador Fonseca, 1150 - fones 434-4482 e 436-5086

SAG. PAULO

CAMPINAS

Filial

Matriz

Fones: 31-3403 e 31-4303 - Fones 227-0419 e 227-0453

O ESCÂNDALO LUTFALLA

(ou: como ajudar
uma empresa falida com
o dinheiro público)

Quinhentos milhões de cruzeiros, o mesmo que 84 milhões de litros de gasolina, é quanto somam os prejuízos que o governo federal, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, está tendo com a Fiação e Tecelagem Lutfalla. A empresa, em fase de liquidação, pertence hoje ao BNDE, que se viu obrigado a comprar a totalidade das suas ações para reduzir os prejuízos com os sucessivos empréstimos àquela empresa.

Na verdade, o BNDE sempre se manifestou contrário à ajuda dada à Lutfalla, por motivos diversos. Mas foi impingido a ceder diante das determinações expressas do ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso, atuando sob "ordens presidenciais", para que o Banco apoiasse a companhia e não permitisse a sua concordata ou mesmo falência. Para tanto, o ministro alegava "interesse social", uma vez que a Lutfalla contava, quando da intervenção do BNDE em 1975, com cerca de 1.500 funcionários — dados do ministro (número correto é 981, segundo levantamento efetuados na empresa).

Velloso alegava também "interesse econômico", baseado nos problemas que poderiam advir do fechamento de uma grande indústria têxtil.

Já em agosto de 1975, uma auditoria independente feita pela firma Boucinhas, Coopers e Lybrand Ltda., apurava um patrimônio líquido contábil negativo de Cr\$ 276 milhões. O prejuízo no exercício de 1975 havia sido de Cr\$ 286 milhões para um capital, não integralizado, de Cr\$ 70 milhões. E o balanço de 31 de dezembro mostrava um endividamento de Cr\$ 503 milhões para um ativo de apenas Cr\$ 279 milhões.

Em abril de 1976, quando os técnicos do BNDE concluíram uma análise destacada da situação econômico-financeira da companhia, constatou-se que seriam necessários Cr\$ 480 milhões para colocá-la novamente em funcionamento.

Com base nesses dados, Marcos Vianna — presidente do BNDE — seguiu várias vezes manifestou-se contrário às negociações, através dos ofícios encaminhados ao ministro do Planejamento e que hoje fazem parte do extenso dossiê, que vem sendo minuciosamente estudado por uma Comissão Geral de Investigações (CGI) re-

querida em setembro último.

Mas a posição firme do BNDE apoiada em irregularidades graves cometidas pelos empresários da Fiação, que então a dirigiam (algumas das quais má-fé), ao lado da situação de absoluta insolvência da Lutfalla, não foram suficientes para demover o ministro de sua decisão de não permitir a falência. Os argumentos dos insistentes pareceres técnicos do Banco soaram fracos diante da firme proposição do ministro.

E parece não restar muitas dúvidas, aos que vêm acompanhando o caso, de que a decisão ministerial teve realmente uma intenção política, manobrada pelo ex-prefeito de São Paulo e então candidato à governança do Estado, Paulo Salim Maluf.

Paulo Maluf é genro do ex-maior acionista da Fiação, Fuad Lutfalla, e participou diretamente das negociações dos empresários com o secretário geral da Secretaria do Planejamento da Presidência da República, Elcio Costa Couto.

"Após discussões junto ao BNDE sobre várias das condições das operações deferidas no mês de maio (uma das quais condicionando os empréstimos ao aval negado de Paulo Maluf), os empresários foram recebidos pelo Senhor secretário-geral, Doutor Elcio Costa Couto, quando foram exaustivamente discutidas todas as condições colocadas pelo BNDE. A explicação que tivemos sobre a razão desse encontro foi de que os empresários teriam expressado junto ao governo a sua opinião de que o BNDE, sendo contra o apoio à Lutfalla, havia imposto um elenco de condições que tornavam as operações inexequíveis. Após o exame e discussão metódica do texto completo das decisões, o senhor secretário-geral teria relatado ao senhor ministro não ter fundamento a alegação dos empresários." É o que aponta um parecer do BNDE.

Assim, apesar dos pareceres técnicos contrários de Elcio Costa Couto e Marcos Vianna, a ordem do ministro não mudou. Ao contrário, foi ainda reforçada: 1) não podia ser aceita a hipótese de concordata; 2) o governo assumiria, se necessário, o risco da operação, com recursos tirados da empresa, dentro dos procedimentos ado-

tados em casos de empresas inadimplentes.

Com efeito, o BNDE repassou à Lutfalla recursos do Tesouro Nacional da ordem de Cr\$ 350 milhões. A esse montante agregam-se os valores capitalizados por bancos estaduais correspondentes a 50% de seus créditos junto à Lutfalla (Banco do Brasil, do Estado da Guanabara e do Estado de São Paulo), num total de Cr\$ 40 milhões — em maio de 75. Tudo por determinação do ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, transmitida àqueles bancos pelo Banco Central do Brasil. Em São Paulo, contudo, Simonsen negou que tivesse tomado tal decisão, contrariando o documento de Vianna.

Para negativa do BNDE existiam inúmeras razões: entre elas a má-fé dos empresários, conforme aponta o ofício p-171/75, enviado por Marcos Vianna ao ministro Velloso:

"Citamos a capitalização de um terreno por um valor 6 ou 7 vezes maior que aquele que seria obtido, hoje, no mercado (operação feita através da Imobiliária do mesmo grupo) e a aceitação das funções de comissão da concordata da Cia. Nacional de Tecidos — Grupo Camilo Ansarah — (condição que terá certamente pesado na decisão de evitar-se a falência da Lutfalla), quando certamente os empresários já estavam cientes de que não teriam condições nem sequer para conduzir os seus próprios negócios" (hipótese confirmada por Edmundo Kehdi, ex-acionista).

Nem a má-fé comprovada dos empresários, nem o tráfego de influências de Paulo Maluf (conclusão tirada dos documentos constantes no dossiê do escândalo financeiro da Lutfalla), nem os apêndices contrários de Marcos Vianna e de Elcio Costa Couto mudaram a conclusão de Velloso, em não permitir a concordata ou falência da Fiação.

As reportagens, os editoriais, as denúncias

Em 17 de abril deste ano, o jornal "Estado de São Paulo", trouxe então extensa matéria sobre o caso Lutfalla, transcrita pelo JT de segunda-feira. As reportagens que se seguiram em jornais de todos os países, os editoriais violentos denunciando o escândalo fina-

ceiro, o discurso inflamado do deputado emedebista João Cunha, na Câmara Federal, o pedido de convocação de Velloso para depor naquela casa e os ataques de Franco Montoro e Freitas Nobre, acabaram valendo uma resposta oficial da Seplan, tentando explicar e justificar os empréstimos do BNDE àquela empresa.

Mas as doze razões apontadas pelo ministro não foram suficientes. Velloso alegava o interesse social, negava a influência política. Não explicava, no entanto, porque o BNDE foi contra seu parecer, obrigado a entregar recurso do Tesouro Nacional apenas à Lutfalla, e não a outras indústrias têxteis, como a Companhia Nacional de Tecidos, que na época da sua concordata (em fevereiro de 1975) contava com número muito maior de funcionários e um potencial exportável superior ao da Lutfalla. Afinal a Cia. Nacional de Tecidos pediu ao BNDE os mesmos privilégios concedidos à Fiação e Tecelagem Lutfalla, sem ser atendida.

Em nova e incompleta resposta, datada de 22 de abril, Velloso fazia menção ao uso das leis de exceção para apurar os responsáveis pelo escândalo (no dia anterior o ministro havia assumido toda a responsabilidade), como prova da honestidade de propósitos do governo federal. Disse ainda que as negociações correram com o conhecimento do presidente da República e a aprovação do Conselho Monetário Nacional. Mas não explicou até que ponto eles tinham a verdadeira dimensão do problema e de suas gravíssimas consequências.

Agora Velloso deverá, se Arena e MDB aprovarem a convocação do ministro, depor na Câmara Federal e esclarecer obscuros e importantes aspectos do escândalo financeiro a que deu origem. Entre estes pontos obscuros, certamente Reis Velloso falará da disposição do governo do Estado de São Paulo em repór à Lutfalla seu melhor "estado de saúde financeiro" denunciada por um advogado do BNDE, em processo de executivo fiscal movido pela Fazenda Estadual contra a Fiação e Tecelagem Lutfalla, por falta de recolhimento de ICM (os débitos de ICM da empresa atingem aproximadamente, 85 milhões de cruzeiros). (M.B.)

A GRANDE JUNDIAÍ

"Negociata", "maroteira", "falcatrua", são os termos mais amenos com que a imprensa vem comentando o incrível "caso Lutfalla", em que muitas centenas de milhões de cruzeiros do dinheiro público foram canalizados para uma empresa falida, em situação de total insolvência. Operação ruinosa que foi feita por ordem expressa do ministro Reis Velloso, sob alegação de que se tratava de "decisão governamental". Os proprietários da empresa privilegiada eram familiares do Sr. Paulo Salim Maluf, figura de proa da Arena Paulista, sempre em evidência junto às altas rodas governamentais.

"Negócios" como esse da Lutfalla não nos causam estranheza. Para nós aqui em Jundiaí, já se demonstrou de sobejo em que nível andam a moral e a decência no trato das coisas públicas. Os abusos praticados pelo ex-

-prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz, e em especial a construção do Sistema Viário da cidade, foram de causar náuseas a qualquer pessoa com algum resquício de pudor e de preocupação com a seriedade e o decoro no desempenho do cargo público. No entanto, o ex-prefeito sempre proclamou em altos brados sua condição de principal representante, aqui, do partido majoritário, e suas importantes ligações com o poder. E pôde muitas vezes exibir, com arrogância, o apoio e o prestígio recebidos das altas esferas do governo.

A Secretaria do Planejamento, do Sr. Reis Velloso, publicou uma série de explicações sobre o "caso Lutfalla". Mas seus argumentos não convencem. Por exemplo: a ajuda dada pelo governo federal foi para evitar o fechamento da firma e o problema social que ocorreria com a dispensa dos seus empregados (cerca de mil).

Mas porque esta preocupação com a Lutfalla, quando tantas outras firmas, em situação desesperadora, encontram fechadas as portas dos bancos oficiais? E, mesmo que se pretendesse socorrer os empregados, não ficaria mais barato pagar a eles dois ou três meses de salário, tempo suficiente para procurar novas colocações? Isto custaria 10 ou 15 milhões de cruzeiros, muito menos do que as várias centenas de milhões despejadas no saco sem fundo da Lutfalla.

Estas explicações com que se tenta justificar o escândalo fazem lembrar o episódio da discussão, no Senado, sobre a concessão de empréstimos a Jundiaí, para alimentar o fatuamento milionário da poderosa construtora Andrade Gutierrez. Os senadores arenistas, sob o comando do Sr. Petrônio Portella, fecharam questão sobre o assunto e garantiram a vinda do dinheiro, alegando que as avenidas de luxo, construídas a preços imorais pela Gutierrez, viriam diminuir o

índice de mortalidade infantil na cidade. E nem sequer coraram ao dizer isso.

E não se alegue desconhecimento de causa ou ignorância para desculpar estes abusos. No caso da Lutfalla, o BNDE, conhecedor da situação da firma, se opôs até o fim à operação desastrosa. No caso de Jundiaí, toda a a imoralidade e lesividade do contrato de obras com a Gutierrez foram exaustivamente denunciados. O que não impediu que o assalto aos cofres municipais se consumasse até os limites do impossível.

Não nos surpreendem, portanto, a nós de Jundiaí, todos os casos de escândalos e de corrupção que estão vindo a furo. Apenas nos entristecem pois confirmam a afirmação feita há algum tempo pelo Senador Franco Montoro de que "o Brasil é, hoje, uma grande Jundiaí". Frase que, pelo sentido que encerra, só nos enche de vergonha.

FAO



Jornal do Livro

Os Tambores Silenciosos — Josué Guimarães, Editora Globo, 214 páginas, Cr\$ 60,00. Numa linguagem clara

e saborosa, Josué Guimarães conta a história de Lagoa Branca, uma cidade onde o prefeito decide tornar

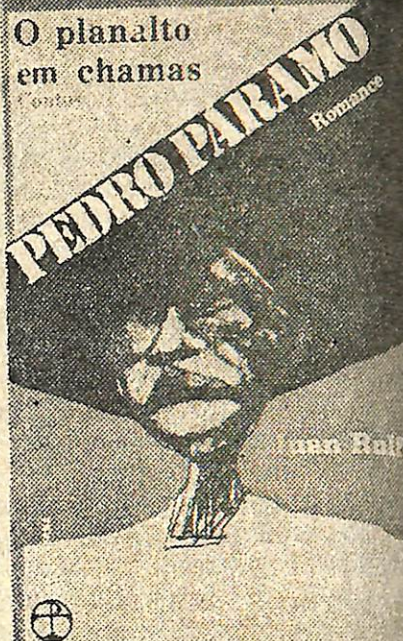
a população afastada dos problemas e tragédias. A história começa na semana que antecede o Dia da Independência e termina no dia 7 de setembro de 1936. Cada movimento dos discretos habitantes de Lagoa Branca é identificado pelo indiscreto binóculo das irmãs Pilar, que se revezam na "sentadeira" da janela, os cotovelos cravados no peitoril de madeira carcomida".

Para preservar a consciência da boa gente da cidade, o prefeito, coronel João Cândido, manda apreender

todos os jornais e revistas censura a correspondência e proíbe a divulgação de qualquer notícia que não a publicada no jornal da Prefeitura. Ao mandar queimar todos os jornais da Capital, ele reserva um para ler as trágicas notícias sobre, por exemplo, a Espanha de 1936, que na sua opinião levariam a inquietação aos pacatos moradores de Lagoa Branca.

"Os Tambores Silenciosos" foi o livro que ganhou o "Prêmio Érico Veríssimo de Romance", um desses livros cuja leitura dificilmente você interrompe antes do fim.

O planalto em chamas



O folhetim Poema-Perspectiva, coordenado por Luiz Edson Fachin, foi lançado no mês passado, com o objetivo de divulgar a produção de poetas novos. Já está recebendo trabalhos, acompanhados de uma síntese biográfica do autor e pedidos de assinaturas. Endereço: Poema-Perspectiva, a/c Luiz Carlos Fachin, rua Benjamim, 242, apartamento 56, Curitiba, Paraná.

A Anhanguera já tem à venda "Laboratório de Ensino Superior" — Faculdade de Educação do Rio Grande do Sul; "A Mão Misteriosa", de Agatha Christie; e "O Casamento e o Divórcio" de Zuleika Alves. Nessa livraria, que fica na Rua do Rosário, 421, os mais vendidos são: 1o.) "Do-In, o Livro dos Primeiros Socorros"; 2o.) "Do-In, O Livro da Auto-Massagem"; 3o.) "O Poder da Mensagem", de Hélio Ribeiro.

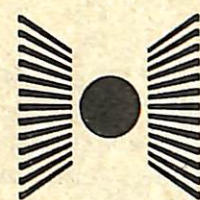
Lançado pela José Olympio o livro "Um Menino de Olho no Mundo", de Marc Simont e a equipe do Boston Children's Medical Center, espécie de guia de educação infantil.

Mais dois bons lançamentos "Pedro Páramo" e "O Planalto em Chamas", um romance e uma coletânea de contos reunidos no mesmo volume, de autoria de Juan Rulfo, Editora Paz e Terra (Cr\$ 60,00), e "Chaplin o Oona" de Frederick Sands — a história romanceada do último e definitivo casamento de Carlitos. Editora Francisco Alves.

Entre na corrente da segurança.

Faça seu dinheiro crescer sempre mais! Deposite agora na Caderneta de Poupança Habitacional APE.

Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranquilidade.



Caderneta de Poupança Habitacional APE

Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí



TRÊS NOVOS FILMES QUE PARIS ESTÁ VENDENDO. (CHEGARÃO AQUI?).

ALICE (OU A ÚLTIMA FUGA); filme francês de Claude Chabrol, com Sylvia Kristel.

O Chabrol de sempre ou quase sempre. Seu filme anterior, "Follies Bourgeoises" pode ser considerado um fracasso, enquanto em "Alice" o espectador tem o prazer de deter-se diante do trabalho de um dos maiores artesãos do cinema atual. Não há muito mais a dizer, na verdade, a respeito de Chabrol: um autor mais preocupado em servir ao cinema e aparecer-se a seus mestres do que em inventar algo de realmente novo. A exemplo de Kubrich, seus filmes têm alguma coisa de monumental, só não têm milhões de dólares e a megalomania de Kubrich. Fica sempre a impressão de estar vendo um pequeno monumento. Como na maior parte de seus filmes, certos momentos podem ser chamados de totalmente felizes e ou surpreendentes. A maior surpresa, no entanto, fica para Sylvia Kristel. Lançada no insípido "Emanuelle", seu talento e sua beleza resitiram até mesmo a um filme de Vadim antes de aparecerem definitivamente encantadores nas mãos de Chabrol. A sensibilidade, a elegância, a leveza e a beleza da Kristel a anunciam como talvez a grande estrela do cinema atual. Ela é ausente, retirada: compõe o tipo de personagem que não encarna nenhuma espécie de mensagem, nenhum tipo de verdade. Em termos de McLuhan, ela seria um-meio frio, a oferecer baixo nível de informação, mas exigindo do espectador uma participação intensa no espetáculo. Apareça sempre.

Je Demande la Parole (Peço a Palavra); filme russo de Gleb Panfilov, com Inna Tcourikova e Nikolai Goubenko.

Diz Mao-Tse Toung que com Stalin alguma coisa ainda se mantinha, na União Soviética, que desapareceu a seguir. Ao menos no que se diz respeito a cinema — e embora o cinema chinês não possa dar grandes lições a ninguém — isto parece ser verdade. Após a grande época dos anos 20, o cinema soviético experimentou uma decadência mais ou menos contínua. Mesmo Eisenstein no cinema falado parece sofrer de uma certa falta de ânimo, e a parte o "Hamlet" formidável que Kozintzev dirigiu no início da década de 60 pouca coisa se salva. Lembremos no entanto que nos anos 30 a Rússia ainda podia revelar um Mikhail Romm ou produzir alguma coisa em que o espírito burocrático vinha pelo menos misturado de uma certa leveza e um pouco de humor, como no caso de "Tchapaiev", realizado pelos irmãos Vassiliev.

No cinema soviético mais recente, é possível lembrar ainda "Sejam Bem-vindos", uma surpreendente demonstração do humor russo, aqui voltado contra a burocracia e que valeu a diretora Klimova seis anos sem assinar outro filme (o que, diga-se de passagem, não é tanto se pensarmos nas dificuldades que encontram os bons diretores para fazer filmes em outros países que não a URSS).

De qualquer maneira o mais recente filme de Panfilov era esperado com certa expectativa

em Paris, e talvez por isso a decepção seja mais acentuada. Embora se apoiando sobre uma atriz excepcional como Tchourikova, e dando-se a audácia como colocar um tango muito simpático como música tema, "Sejam Bem-vindos" está longe de desfazer a má impressão causada pelo cinema soviético atual. É verdade que suas críticas a burocracia não são propriamente delicadas e chegam por vezes a ser abertas, especialmente no que toca à falta de liberdade de expressão e distância que existe entre os representantes do Partido e a população. Não é menos verdade que a burocrata que desempenha o papel de Prefeito de uma cidade, reveste-se de qualidades excepcionais, tais como a simpatia, a dedicação ao que julga serem os interesses da cidade, a energia e a competência. Uma coisa neutraliza a outra e o ataque à burocracia é no mínimo igualmente burocrático.

MAMAN KUSTER'S S'EN VA AU CIEL; filme alemão de W.R. Fassbinder.

Fassbinder é o nome mais conhecido do cinema jovem alemão, ao lado de Alexander Kluge, Werner Herzog e do distintivo e mitológico Straub. Mas nele o mais impressionante não é a qualidade dos filmes, é a extensão de sua filmografia. Ele é capaz de filmar 5 longas metragens por ano, o que é um recorde. Sua capacidade maior é sem dúvida de lidar com espaços pequenos: "Lágrimas Amargas de Petra von Kant" foi filmado em um pequeno apartamento e, no tempo de 2 horas, apenas uma vez a posição da câmera se repete: ao longo do filme Fassbinder acaba por distorcer o espaço pelo uso original da câmera. Em Maman Kusters ele narra a história da viúva de um operário que mata seu patrão e em seguida suicida-se. Um melodrama moderno, sem dúvida. Os jornais imediatamente transformam o sr. Kusters em um monstro criminoso, apoiados em indícios puramente arbitrários. Os comunistas, ao inverso, fazem dele um herói da luta operária, de forma igualmente arbitrária. Os anarquistas, ao contrário, tomam o fato como pretexto para uma ação terrorista. Entre os três (e ao lado da filha que se aproveita da situação para promover sua carreira de cantora), mamãe Kusters e seu problema: salvar a reputação do marido, um homem — segundo ela — tranquilo e bom. Problema que a organização social, diga-se, ignora inteiro: a ela — aos diversos grupos que a compõe — importa impor uma visão de ver os acontecimentos, de montá-lo à sua maneira. Mamãe Kusters é, assim, relegada à solidão permanente: os problemas sociais passam por ela sem deter-se. O luto, assim como as pessoas, são excrecências, objetos deslocados em um mundo onde empreender é a única necessidade. O ato do sr. Kusters não é explicável (ao menos não é explicado), e nessa medida todas as instituições sociais apressam-se em dar-lhe um sentido: classificá-lo, é uma forma de conjurar o perigo, de afirmar de algum modo a fé na civilização, como um todo, mesmo quando se trata de partidos diferentes.

Inácio Araújo, de Paris, via Varig.

POLANSKI, SALVANDO A SEMANA CINEMATOGRAFICA.

Uma oportuna exibição, esta semana, em Jundiaí: "Chinatown", de Roman Polanski, que entra em cartaz no dia 8. Oportuna porque a crítica foi unânime ao afirmar que a atriz Faye Dunaway merecia um "Oscar" por esse filme. E este ano, quando ela foi finalmente premiada, por sua interpretação em "Rede de Intrigas", a maioria dos críticos considerou essa decisão da Academia nada mais nada menos do que a reparação de uma grande injustiça.

Nos outros filmes, nada que entusiasme os que estão interessados em cinema esta semana. O negócio, então, é Chinatownizar e, nos dias seguintes, churrascar no Dom Guido. Confira aí:

AEROPORTO 75

De 2 a 7, no Marabá. No primeiro "Aeroporto", uma ameaça de bomba a bordo do avião leva pânico entre o spassageiros. Neste "Aeroporto 75", o avião — um jato internacional — se choca em pleno voo com um avião particular, de pequeno porte, pilotado por Dana Andrews. Ferido e com sangue de cor não convincente, o piloto não tem condições de levar o aparelho a salvo. Mas uma aeromoça (Karen Black) e um veterano (Charlton Heston) salvam a situação. Tudo como seria de se esperar.

CHINATOWN

Dirigido por Roman Polanski, começa a ser apresentado dia 8, no Marabá. É o primeiro filme de Polanski em Hollywood desde "O Bebê de Rosemary", e também um dos mais elogiados. Jack Nicholson é J.J. Gittes, um investigador matrimonial muito conhecido pelo seu "discreto" trabalho para conseguir o flagrante para alguns sensacionais casos de divórcio. Faye Dunaway é Evelyn Mulwray, esposa de um importante oficial da cidade, uma sofisticada e elegante senhora de Pasadena. Jonh Huston interpreta o pai, Noah Cross, um poderoso e enigmático milionário. Quem estiver pensando que se trata de mais



Faye Dunaway

um daqueles abomináveis filmes "made in Hong-Kong", pode desistir de ir ao cinema: "É uma tradicional história de detetive com uma nova e moderna forma", explica o diretor Roman Polanski. Ou, como diz o folheto de divulgação do filme, "uma visão do crime nos anos 30".

A VINGANÇA DO ...

Há sete anos, "Um Homem Chamado Cavalo" surpreendeu os apreciadores do gênero "western" por mostrar o índio com um olhar diferente, mais etnográfico do que exótico. Enfim um filme que agradou. Agora vem esse "A Vingança do Homem Chamado Cavalo", que, se não chega a ser tão espetacular como o primeiro, não desapaonta. Dá para garantir nota 5. Será apresentado nos dias 1 e 2, no Ipiranga. Um aviso a quem viu "Um Homem Chamado Cavalo": desta vez não tem a bela grega Kiriaki Tsopi, que fez o papel da mulher índia do inglês Morgan no filme passado. O que — trocadilho à parte — é uma pena.

A semana é completada com "Ambição Acima da Lei", faroeste com Kirk Douglas que entra dia 3 no Ipiranga e vai até o dia 5, e "As Fêmeas do Golden Saloon", de 6 a 8, ainda no Ipiranga, com as conhecidíssimas Sandra Julien, Evelyn Scott e Alice Arno. "Escravidões por amores torpes e violentos, corromperam-se até o último degrau da decência", diz o folheto de propaganda do filme. Epa! Corromperam? E até o último grau da decência? O filme tá chegando atrasado a Jundiaí.

CONCURSO DE CARTAZES

O Museu de Arte Contemporânea de Campinas, órgão da Secretaria Municipal de Cultura, apresenta regularmente para o Concurso Nacional de Cartazes para a Mostra "Campinas / Arte Contemporânea/77".

Artigo 1o. - O Concurso de Cartazes para a mostra "CAMPINAS / ARTE CONTEMPORÂNEA / 77" é organizado pelo Dpto. de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas através do Museu de Arte Contemporânea de Campinas.

Artigo 2o. - Podem concorrer brasileiros natos ou natu-

ralizados e estrangeiros residentes no Brasil há dois anos (2) anos no mínimo.

Artigo 3o. - O concorrente enviará ao Museu de Arte Contemporânea de Campinas até o dia 15 de maio de 1977 projeto ou projetos assinados com um só pseudônimo, folha contendo por extenso e legível: nome, endereço e telefone, em envelope fechado, sobre o qual escreverá o pseudônimo.

Artigo 4o. - Os projetos deverão medir 96 x 66 cms. e apresentar no máximo duas cores, além do branco contendo os se-

guintes dizeres:

CAMPINAS / ARTE CONTEMPORÂNEA / 77 - OUTUBRO / NOVEMBRO

Centro de Convivência Cultural

Departamento de Assuntos Culturais

Secretaria Municipal de Cultura

Prefeitura Municipal de Campinas

§ único - Serão desclassificados os projetos que não atenderem às condições estabelecidas.

Artigo 5o. - Ao Autor do melhor projeto será atribuído o "Prêmio PREFEITURA MUNI-

CIPAL DE CAMPINAS", no valor de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).

§ único - O projeto premiado tornar-se-á propriedade da Prefeitura Municipal de Campinas, que dele fará o uso que julgar conveniente.

Artigo 6o. - O prêmio será atribuído por uma comissão julgadora, composta por três membros, indicados pelo Dpto. de Assuntos Culturais.

Artigo 7o. - As decisões da Comissão Julgadora serão irrevogáveis.

Artigo 8o. - A Comissão Julgadora poderá selecionar os melhores projetos para exposição no Museu de Arte Contemporânea de Campinas.

Artigo 9o. - Os organizadores do Concurso não se responsabilizarão por eventuais danos ou extravios nem se comprometem a devolver os trabalhos os quais devem ser retirados no Museu de Arte Contemporânea de Campinas de 1o. a 30 de outubro de 1977.

Artigo 10o. - Os projetos devem ser entregues no Museu de Arte Contemporânea de Campinas - Edifício Roque Melillo (anexo à Prefeitura Municipal), Av. Anchieta no. 200, das 12:00 às 18:00 horas, de segunda a sexta-feira.

Artigo 11o. - Os casos omissos serão resolvidos pela Secretaria Municipal de Cultura, de cujas decisões não caberão recursos.



N&O

BARÃO, 396
SUBSOLO

Quá, quá, quá. (Kazuo).

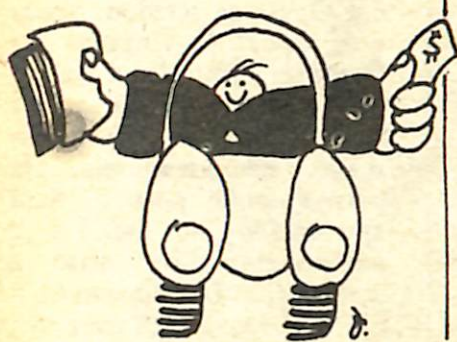
LEIA!

Desligue um pouco a televisão, deixe a Betty Faria descansando, e compre Valdez, Imperador do Acre, de Márcio Souza. É prá ler numa tacada só. Texto bom, simples, limpo, enxuto, muito irônico, muito bem humorado. Deve custar umas 40 pratas. Vale a pena. (S.V.)

COM PEDÁGIO OU SEM PEDÁGIO

Se você não encontrar aqui nas livrarias da cidade pegue o Cometão, ou o seu carro, e vá a São Paulo comprar "Crônicas de Nuestra América", de Augusto Boal Editora Codecri.

Só a crônica "Nossa Senhora dos Oprimidos" vale o pedágio de ida e volta. (E.M.)



A ALMA DO NEGÓCIO

O presidente nacional da Arena, Francelino Pereira, pediu às lideranças estaduais que evitem falar no "problema sucessório".

Compreendo, compreendo. (E.M.)

NOU-RAU

Ouvi num reclame de rádio que a Philco está comemorando 25 anos de "tecnologia brasileira".

Só se for de uso-capião. (E.M.)



IRRACIONALIZANDO

Levei mais de uma hora pra explicar prum amigo meu que as enchentes na região do pantanal matogrossense estão longe de significar que a gente terá carne ensopada e à vontade, na próxima entressafra. (E.M.)

JÓIAS DA ÚLTIMA FLOR

Texto do ofício encaminhado pelo prefeito de Arraial (Piauí), Francisco Alvarenga Rocha, a uma professora primária:

"Srta. Maria Divina de Miranda.

Pela presente, fica expressamente proibido V.S. lecionar na escola de Barra do Arraial, pertencente a esta prefeitura. Caso não atendimento a este, tomarei medidas agravadas contra a sua pessoa, por desobediência a ordem legal de nosso país e consequentemente, de nosso município. Ulteriormente, poderei resolver seu caso no momento oportuno".

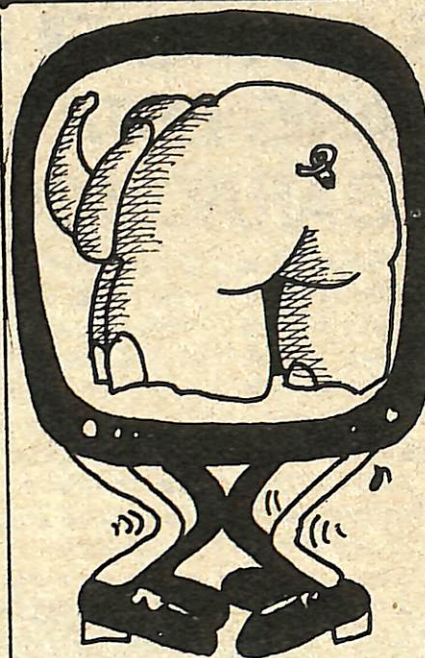
Isso aí saiu no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. Dizem que o prefeito foi aconselhado a trocar esse ofício, pedindo matrícula. (Pela transcrição AF)

DESFILE DE MODAS NO CLUBE JUNDIAIENSE

Os salões de festas do Clube Jundiaense reabriram-se na noite de 20 próximo passado para palco de um bem montado desfile de modas promovido pelas relações públicas do Jumbo-Eletroradiobraz, sob os auspícios da Barraca "O Cantinho" da IX Feira da Amizade, que, como se sabe, acontecerá todos os anos, terá lugar em dias de setembro no Parque Comendador Antônio Carbonari.

Nos entreatos do desfile, "O Cantinho" ofereceu um delicioso coquetel acompanhado de salgadinhos em cuja ocasião foram sorteados vários prêmios.

A montagem do show esteve a cargo da empresa especializada "Souza Campos Pormoções". A coreografia foi de Roberto Azevedo, profissional bastante conhecido pelo seu trabalho nos canais de televisão. (E. V.)



ELEFANTE GLOBAL

Não gostei do "Antônio Conselheiro" que a Globo levou ao ar no "Globo Repórter Especial" do dia 19.4

Tinha molho de tomate demais pro meu gosto. (E.M.)

ENERGÉTICA

Atenção, paulistas. Segundo rumores, estes serão os "candidatos" ao governo do Estado, em 1978: Laudo Natel, Abreu Sodré, Delfim Neto, Paulo Maluf e Olavo Setúbal.

Atenção, paulistas. O último que sair, favor apagar as luzes. (E.M.)



**OMELHOR RODÍZIO
A 80 KM POR HORA
RESTAURANTE VIDEIRA
VIÁ ANHANGUERA, KM 65**

Hertane de Campos

ÓTICA MODERNA

Departamento de Lentes de Contato gelatinosas WAICON, de procedência alemã. A lente Contato gelatinosa que vive com o olho

Fones: 434-7363 - 434-4351

O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE



CLÍNICAS MILAGROSAS

Existem clínicas especializadas em emagrecimento rápido capazes de fazer verdadeiros milagres, transformando não só uma pessoa gorda em magra como também mudando seu nome.

Explicando melhor: alguns jornais do Rio publicam anúncios da Esthetic Center em que aparece uma senhora não identificada antes e depois do tratamento; as fotos da mesma senhora aparecem em anúncios de jornais paulistas como sendo a "sra. L.B., residente nesta capital". Já nos jornais argentinos a mesma senhora aparece nas mesmas fotos mas em anúncios da Slim Center, e lá ela já não é mais a "sra. L.B., residente nesta capital" é a "sra. Crawshaw" Deu no "Globo". (AF)

PRIMO MANGIARE, HEIN?

Numa entrevista sobre o projeto do divórcio, de autoria do senador emedebista Nelson Carneiro, a Tv Cultura ouviu o cardeal de São Paulo, D. Evaristo Arns, segunda-feira passada.

Depois de condenar o projeto, D. Evaristo Arns aproveitou para tirar um sarribo em cima do MDB, dizendo que, em vez desse projeto, o partido deveria aproveitar a supressão dos 2/3 para apresentar "por exemplo, um projeto que desse mais comida para o povo".

Dito isso, o cardeal sorriu para a câmara um sorrisinho tão irônico-quanto bem nutrido. (E.M.)



MARXISMO DECADENTE

Notícias da União Soviética informam que a indústria daquele país cresceu 5,6 por cento em 1977.

Os índices mais altos ocorreram na indústria de geladeiras e máquinas de lavar roupas. Nenhuma informação foi dada sobre a produção de espetinhos para assar criancinhas. (E.M.)

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória s/n.o J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666

FILOSOFIA DO IRMÃO DA GRAMA

O poeta Carlos Drummond de Andrade andou recolhendo em sua coluna no JB algumas frases de autores anônimos, escritas em cédulas do Banco Central. Exemplos:

Em notas de cem cruzeiros:

"Sinto muito, mas tenho que trocar você por um chuchu".

"A casa é sua, marechal. Volte sempre".

"Vai-se a última pomba despertada".

De quinhentos cruzeiros: "Ingrata! Ficaste só meia hora comigo".

De cinco cruzeiros:

"Dom Pedro I quer saber quando será promovido a 5 mil cruzeiros".

"Faço questão de assinar no lugar do presidente do Banco Central".

De dez cruzeiros:

"D. Pedro II "Se é para escolher desse jeito os senadores, por que me mandaram embora? Eu fazia melhor". (Pela transcrição, AF)

ECONOMIZANDO DIVISAS

Durante a Conferência de Comércio Exterior, realizada há 15 dias no Anhembi, o presidente Geisel cometeu um pequeno lapso em seu discurso, afirmando que o déficit na conta de comércio do balanço de pagamentos era de 170 milhões.

Uma semana depois, discretamente, o ministro Reis Veloso, em outro discurso, corrigiu o engano, revelando os reais números do déficit: 150 milhões.

Para os otimistas, a ação de Reis Veloso revela a preocupação do ministério em trabalhar efetivamente pela melhoria da nossa balança de pagamentos. (E.M.)

BLACK SHIT

Vi, com estes olhos que miopia e a terra não de comer uma reportagem no "Fantástico" do dia 24.4; sobre a nova onda carioca, o Black Rio.

Trata-se de jovens crioulos da Zona Norte que se reúnem nas quadras das escolas de samba para curtir música soul em vez de samba.

Vestindo roupas extravagantes e gingando igualzinho aos irmãos do Norte, o crioulo ainda se orgulha de ser tratado de mister, uma prova de status entre os Black Rio.

Quem deve estar sorrindo com todos os seus dentes é o presidente Carter. Afinal, uma nação assim tão amiga pode dispensar ajuda militar, sem maiores riscos. (E.M.)

AVANT-PREMIÈRE

Vem aí, na voz de Simone, a nova obra de Chico Buarque e Milton Nascimento. Chama-se 1o. de Maio, e a letra é esta: Hoje a cidade está parada / e ele apressa a caminhada / para acordar a namorada logo ali / e vai sorrindo, vai aflito / pra mostrar cheio de si / que hoje ele é senhor das suas mãos / e das ferramentas. Quando a sirene apita / ela acorda mais bonita / sua pele é mais chita / seu fustão, e bem ou mal / o seu veludo e o tafetá que Deus lhe deu / e é bendito o fruto do suor / do trabalho que é só seu. Hoje, eles não de consagrar / o dia inteiro pra se amar tanto / ele, o o artesão, faz dentro dela / sua oficina. Ela a tecelã vai fiar nas malhas de seu ventre / o homem de amanhã. E a música, como será? Expectativa geral. (Pela transcrição, S.V.)

FOLCLORE ?

Frase de Tristão de A-thayde, citada por Sebastião Nery na "Folha de S. Paulo" do dia 23.4: "Tiradentes também era ditadura da minoria" (pela transcrição, E.M.)

DE JUNDIAÍ PARA O MUNDO

Na revista de cartuns "Ovelha Negra", que está nas bancas por 10 paus em edição especial, o Décio Denardi, nosso homem da capa e de todos os outros desenhos, tem publicados dois trabalhos seus. Parabéns para nós, legítimos representantes de 2a., que exportamos gente boa. Sorry, periferia. (Kazuo)



MANGALÔ, TRÊS VEZES

Durante um bom tempo ficamos sem notícias sobre o mirabolante plano do ex-prefeito Ibis Cruz para ajudar o Paulista. E consequentemente sem fotos dele no jornal. No intervalo, o Paulista reabilitou-se, fez oito partidas invictas e conseguiu até uma goleada de 4 a 0 sobre o Marília. No domingo passado, reapareceram notícias do tal carnê milagroso, acompanhadas de uma fotona do homem na primeira página do Jornal da Cidade. Resultado: o Paulista perdeu de 2 a 0 para o América. Sai, azar! (S.V.)

DEU NA FOLHA

A seção "Confidencial", de Arquimedes Leite, da "Folha de S. Paulo", publicou o seguinte:

"Pausa para comercial:

"Arena S.A., Consultoria e Representações, entidade com 11 anos de experiência em propaganda, relações públicas e representação legal de importante establishment, está selecionando executivos para ocuparem altas posições recentemente abertas em seus quadros.

"Não exigimos experiência anterior e nem atestado de bons antecedentes, mas os candidatos deverão possuir fluência verbal, formação escolar mínima de nível moralense, folha corrida dos órgãos de segurança e ampla flexibilidade vertebral. O domínio do inglês não é indispensável, mas poderá ser fator de preferência em igualdade de condições.

"Remuneração de alto nível, mais direitos de moradia que inclui moradia, viagens e informações exclusivas para orientação de negócios paralelos no plano particular. Todos os cargos darão acesso a promoções indiretas daqueles que tiverem ambição maior que o sentimento de vergonha". (pela transcrição E.M.)

QUE SERÁ, QUE SERÁ ?

Se não me engano, não estou bem certo, parece que li alguma coisa que falava a meu respeito na seção N.R. do JJ na semana passada. Ou será que não li? Acho que li sim, e se não estou enganado fiquei bastante ofendido porque achei que... O que foi que eu achei mesmo? Agora já não tenho nem certeza se li alguma coisa ou não li nada. Será que li? E se li, será que fiquei ofendido? Não acho que não fiquei porque não tenho bem certeza se li. Agora estou me lembrando: acho que li, sim, e não era nada mesmo, não. Ou se era, parecia que não era. Afinal, será que era ou não era? E se era, era o quê? Agora acho que o caso está ficando cada vez mais grave: continua havendo dono, mas não há mais voz. (Sandro Vaia)

XEROX
também
é com o

FOTO
ZEZINHO

ROSA R 523 FONE 6 3795

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

MAL COMPARANDO

A seção "N.R." do Jornal de Jundiaí de domingo atrasado estava mais pra "Chalça" do que pra "N&O". Eu achei. (E.M.)

N&O

BRASIL,
CAPITAL...

Buenos Aires. Quem diz isso é o Le Monde, de Paris, edição do dia 14 abril. (AF)

A DERSETA



DERSA Desenvolvimento Rodoviário S.A.

CGC. 62.464.904 / 0001/26

Cr\$ 10,00

Recibo de Pedágio

Decreto Lei N.º 9678 de 12/04/1967

Na foto acima, um aspecto da Derseta, repugnante papelzinho que um bem uniformizado funcionário da DERSA me entrega todos os dias, em troca de 20 pratas. Só nessa semana já ganhei 12 papeizinhos, e aquele simpático rapaz ficou, em troca, com 120 dos meus cruzeiros. Eu li um anúncio nos jornais

dizendo que eu estou desembolsando esse dinheiro para meu próprio bem. Fui procurar nos meus guardados e não achei nenhuma ação nominal e nem ao portador de uma certa empresa chamada Desenvolvimento Rodoviário S/A. Não entendi: será que eles vão distribuir os dividendos ao povo em geral? (S.V.)

MINEIRISMOS

LIBERDADE
AINDA QUE TARDE

OURO PRETO, 21 DE ABRIL DE 1977

Paulo
CARLITO MAIA

Recebemos este cartão do incansável Carlos Maia de Souza, que sempre arranja uma maneira de falar a coisa certa, sempre. (E.M.)

CONHEÇA
O BRASIL.



ACOUGUE E CASA DE
CARNES MARCIO
CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone- 436-4880

NOVIDADES
Charme
LAIÇADO/
ROJARIO 626

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 - tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

GIL, PARA CANTAR E DANÇAR.

Gilberto Gil repetiu em São Paulo, dia 23 de abril, o sucesso alcançado em seu último show, anteriormente apresentado no Rio de Janeiro após sua volta da temporada pela África, onde esteve representando o Brasil no Festival da Nigéria.

Contando sempre com a participação frenética do público que praticamente lotou o estádio da Portuguesa de Desportos (capacidade para duas mil pessoas), Gil fez uma retrospectiva de sua obra, improvisando, dançando e cantando desde "Procissão", "Domingo no Parque", "Jurubeba", "Refazenda", até suas mais recentes composições, definidas pelo próprio Gil como "músicas" simples, quase primitivas feitas para dançar, no sentido lúdico-religioso da dança".

Ao som de "Alapala", "Sandra" e "Refavela" (música-título do seu próximo Lp), a platéia subiu ao palco, se misturou aos músicos cantando e dançando, improvisando um incrível ritual de emocionante unicidade plástica e sonora.

E toda aquela gente vibrou junta, como um só corpo tomado pela emoção pura do som, durante mais de três horas.

Ao **Jornal de 2a.** Gil falou com exclusividade sobre o seu trabalho:

Jornal de 2a.: Gil, durante o seu show, você anunciou uma apresentação de Altamiro Carrilho e o pessoal do chorinho, que está pra acontecer em São Paulo. Os "Novos Baianos" e outros grupos ligados a setores mais jovens da música brasileira têm tocado, e até composto chorinhos.

Você acha que esse retorno ao choro é devido a incentivo das gravadoras interessadas em vender suas antigas gravações, ou se trata de uma exigência cultural autêntica?

Gil: Tá surgindo um movimento de reviver um bocado de coisas da música brasileira. O desenvolvimento do negócio de gravação e show-business chegou a um ponto que já há uma exi-

gência do público em termos de música brasileira.

Existe uma curiosidade muito grande atualmente, em relação a chorinho, música da década de 30, Carmen Miranda, coisas assim.

Tem programa de televisão com artistas do passado. Já tem muito mercado para isso, devido ao interesse dos jovens. É mais um movimento ligado a apresentações, shows em teatro.

O público quer ver Moreira da Silva, Jackson do Pandeiro, que ver Luiz Gonzaga, Altamiro Carrilho. Os jovens têm curiosidade em conhecer artistas que já foram o que sou hoje, na época em que eu era menino. Eles são artistas do passado, no sentido de que foi no passado o apogeu deles, mas eles ainda são artistas, ainda compõe, ainda cantam, ainda tocam.

O público jovem tem uma formação muito distanciada de tudo isso, é uma formação ligada a correntes modernas de música brasileira e internacional pop.

Então esses jovens, principalmente têm uma curiosidade muito grande em relação à música regional, tradicional.

Sempre é tempo, né, pra gente ouvir.

J 2a.: Fale um pouco de seu próximo disco "Refavela".

Gil: Bom, o disco vai ter onze ou doze músicas, na maioria músicas recentes que eu fiz nos últimos dois meses.

Duas são músicas de bloco de carnaval da Bahia, "Ilealê" e "Patuscada de Gandhi". Vou gravar também "Samba do Avião" do Jobim.

É um disco mais rítmico, mais percussivo do que "Refazenda", porque mais ligado com uma coisa afro-brasileira, ligado a samba, batuque, candomblé.

J 2a.: Como "Alapala", que você cantou hoje?

Gil: É. Aliás, "Alapala" eu fiz pra cantar na África. Foi a única música que fiz especialmente para o Festival. Ela também vai entrar no disco.

J 2a.: Explica essa ligação



Gil: músicas de retorno às origens africanas.

entre seu último Lp "Refazenda" e o próximo "Refavela".

Gil: Bom, tem aí uma continuidade. "Refazenda" é sobre um testemunho, um manifesto ecológico, digamos assim, sobre a necessidade de relacionamento masi direto, mais íntimo com a Natureza, ligado ao caráter interiorano da cultura básica brasileira, que é uma cultura rural mesmo.

Agora, "Refavela" é uma coisa urbana, um manifesto sobre

as comunidades negras das cidades grandes como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife.

Evidentemente, a formação poética das duas é a mesma.

"Refavela" é irmã de "Refazenda".

Refazenda tod'as duas.

Uma re/vela.

Outra é Zen.

(Entrevista concedida a Mônica Oliva e Patrícia Oliva)